



Universidade de São Paulo
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

POÉTICAS DO COTIDIANO E DA MEMÓRIA:
UM PERCURSO PELA ESTRADA REAL

CADERNO COMPLEMENTAR

Catherine B. P. Calognomos
Orientação: Clíce de Toledo S. Mazzilli

São Paulo
2022

*“O ouro afunda no mar
madeira fica por cima
ostra nasce do lodo
gerando pérolas finas”*

“O ouro e a madeira”
Ederaldo Gentil

SUMÁRIO

Agradecimentos	4
Introdução	5
A Estrada Real	8
O percurso	11
O livro	12
Algumas histórias e outras imagens	27
Um breve encerramento	36
Referências bibliográficas	38

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todos os professores e colegas que fizeram parte da minha trajetória da graduação na FAU. Tanto àqueles que passaram, quanto aos que permaneceram.

Às professoras Clíce Mazzilli e Beatriz Kuhl pelas orientações em meus trabalhos mais importantes do curso. À professora Helena Ayoub e aos colegas do HASAA, por terem me recebido no escritório em um momento muito importante, e terem sido amizade, apoio e incentivo. A Gustavo Piqueira e colegas da Casa Rex, por terem me ensinado e ajudado tanto no momento final de execução do trabalho.

Aos amigos que estiveram sempre presentes e me mostram todos os dias a coragem e a alegria de viver. A Amanda, Steffano, Martim, Renan, Dalila, Duda, Cecília, Kika, Anamélia, Bianca, Davi, e tantos outros que são e foram anjos em minha vida, especialmente durante os anos difíceis da pandemia.

Aos ventos de Veneza, por terem me trazido novas experiências, novas ideias, novas águas, e novas amizades:

Ana Elisa, Ludmila, Leandro, Anastasia, Tommaso, Umberto e Marina, que me acolheram no outro hemisfério.

Aos amores e paixões que me inspiraram e ensinaram tanto nestes últimos 6 anos.

Aos amigos camaradas, a quem tanto admiro e me fazem todos os dias manter viva a esperança de um novo mundo, que me apoiam e incentivam sempre, que me mostram o valor da disciplina, organização, indignação e força, mas sem jamais perder a ternura.

Novamente a Amanda e Steffano, por terem me dado, nessa reta final, a possibilidade e a coragem para uma pequena-grande revolução em minha vida.

Aos meus pais, por terem acreditado em minhas escolhas e feito todo o possível por mim. Sem eles minha vida não seria possível. À minha família, que apesar de estar longe, esteve sempre por perto.

INTRODUÇÃO

Este trabalho nasceu da vontade de unir, em um único projeto, meus maiores interesses durante a graduação; e também do carinho que tenho pelas memórias das minhas primeiras viagens feitas a Paraty e Ouro Preto (que ocorreram também durante o curso), e pela região de Cunha-Silveiras, cujas estradas já percorri algumas vezes neste período.

Sempre me interessaram muito os debates a respeito do patrimônio histórico e de sua relação com a memória e cultura, tanto que muitas das minhas principais escolhas durante o curso partiram deste tópico. Primeiro a iniciação científica a respeito do Museu Paulista, sob orientação da Prof^a. Beatriz Kuhl, e posteriormente, o intercâmbio em Veneza para o ateliê de projeto sobre pré existências históricas. Contudo, ao final do curso, o interesse pelo design e produção gráfica, que já existia, se tornou cada vez mais consolidado, e o tempo permitiu que eu me dedicasse aos aprendizados neste sentido.

A partir desse percurso, dos questionamentos sempre presentes nessa trajetória, e de antigas vontades, surge a proposta deste livro como trabalho final de graduação.



Desde minha vivência em Veneza, em 2019 como moradora temporária, pude sentir no cotidiano - e por isso compreender melhor - algumas problemáticas da questão turismo versus preservação dos sítios históricos. Veneza, uma cidade com seus 1600 anos de história, é procurada todos os anos por milhões de turistas do mundo todo. Cruzeiros inteiros desembarcam em suas ilhas todas as semanas, os andares dos antigos edifícios são tomados por hospedagens, museus e lojas de luxo, e o comércio térreo por restaurantes e lojas de souvenirs. Uma cidade que, pela priorização e volume da demanda turística, se torna hostil aos moradores. As pessoas que vivem de fato a cidade cotidianamente são os estudantes, que por sua vez são moradores de curto prazo; os trabalhadores do turismo, que em sua maioria moram em Mestre ou cidades próximas; e os poucos venezianos, majoritariamente idosos, que ainda moram em suas casas em bairros menos movimentados como Castello ou Santa Marta.

Todos os dias em meu percurso de Piazzale Roma até o Cotonificio (edifício do curso de Arquitetura do IUAV, em Santa Marta), ou caminhando pelo Cannaregio até a casa de meus colegas no Campo dei Crociferi, passando por multidões de turistas, eu me perguntava: os venezianos ainda existem? Onde eles moram e como fazem para levar uma vida aqui, em meio à laguna, com tantos turistas lotando espaços?

Onde será que ainda estão materializados os costumes, as vivências, as dinâmicas próprias e cotidianas de Veneza? Será que isso é algo que se perdeu, que está escondido ou apenas modificado? O que faz de algo (uma ação, um objeto, um modo) parte do cotidiano, parte da cultura de um lugar?

Antes de minha ida a Veneza, já conhecia Paraty e Ouro Preto, e ao retornar, sabia que gostaria de me debruçar sobre elas em meu trabalho final, por terem sido viagens importantes e lugares muito marcantes, principalmente por tê-los visitado durante o curso de arquitetura, em 2018. E os mesmos questionamentos que me acometiam no hemisfério Norte, passaram a povoar também as minhas memórias a respeito das nossas cidades históricas. Foram elas nossos primeiros sítios tombados, que com sua beleza e particularidades, encantaram Lúcio Costa e estimularam a criação do SPHAN nos anos 1930; e fomentaram o debate a respeito da origem de uma nacional entre os modernistas. Quais seriam então as dinâmicas e relações entre turismo, cotidiano e cultura neste contexto brasileiro das cidades históricas preservadas? Em que regiões da cidade estão seus moradores, quais suas principais atividades, onde estão e como se modificaram hábitos tidos como tradicionais, qual a relação entre os bens tombados e as pessoas que os utilizam diariamente? Como se configura e quais são as imagens deste cotidiano?.

Creio que neste momento, neste trabalho, o mais importante são justamente as perguntas, e menos as respostas. Foi em 2020, de volta ao Brasil e à FAU, que tive contato com um texto primoroso do professor Ulpiano de Meneses, onde

ele discorre sobre a relação de reprodução entre cotidiano, memória e cultura, e seu tensionamento com as dinâmicas do turismo de massas.

“O turismo, se respeitar esta dimensão plural da cultura, poderá ser fonte fecunda de renovação; caso contrário, apenas facilitará, mascarando-a, a pasteurização exigida pelo mercado.”
(DE MENESES, 1997, p.92)

Em “Os usos culturais da cultura: contribuição para uma abordagem crítica das práticas e políticas culturais”¹, ao estabelecer a cultura como universo dos sentidos e trocas simbólicas, Ulpiano evidencia a noção dos espaços culturais como esferas destacadas da totalidade da vida social. Exemplos disso seriam os denominados “centros culturais” e a “musealização” do espaço urbano, onde aquilo que se busca valorizar é destituído de seu propósito e função original, no sentido de que o uso destes espaços não deveria ser pontual, de exceção, mas existencial, habitual. Não deveria haver a necessidade de um “centro cultural”, pois a própria cultura não deve ser centralizada.

“Um cartum publicado há muito tempo numa revista

1 MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. Os “usos culturais” da cultura: Contribuição para uma abordagem crítica das práticas e políticas culturais. In: YÁZIGI, Eduardo; CARLOS, Ana Fani A.; CRUZ, Rita de Cássia Ariza da; et al (Orgs.). Turismo: espaço, paisagem e cultura. São Paulo: Editora Hucitec, 1996, p. 88–99. (Geografia, teoria e realidade, 30).

francesa, que acredito ser Paris-Match, permite visualizar cruamente o que seja o uso cultural de um bem cultural. No interior hierático, solene e penumbroso de uma catedral gótica, aparece uma velhinha ajoelhada diante do altar-mor, profundamente imersa em oração. Em torno dela, a contemplá-la interrogativamente, uma horda de turistas orientais. O guia lhe toca os ombros e diz: 'minha senhora, a senhora está perturbando a visita' [...] A pobre anciã, ao utilizar a catedral como templo, está de fato perturbando [...] o padrão agora dominante, em que o edifício se transformou num exemplar arquitetônico de 'interesse cultural'. O caráter transgressor decorre do uso existencial de outrora justificava a existência da igreja e que hoje cria um campo de fricção com o novo uso cultural próprio de um bem cultural" (DE MENESES, 1997, p.96)

É com este viés que surge então a proposta de investigar de maneira documental, através da fotografia, onde se encontra essa habitualidade dos usos existenciais nas cidades da Estrada Real, preservadas (ou não) em sua forma "histórica". O que fazem e o que dizem aqueles que circulam por lá todos os dias, quais as memórias que permeiam esses espaços, como seria o retrato de suas vidas cotidianas? Assim, assumo um olhar voltado não apenas para os melhores ângulos de um cenário como faz um turista, mas para o que pode haver de mais ordinário naquele espaço, onde ainda sou estrangeira. Ao registrar os relatos dos moradores e citá-los diretamente, busco retratar as vivências, sua esfera sensível, e por isso, uma narrativa paralela e alternativa à historiografia

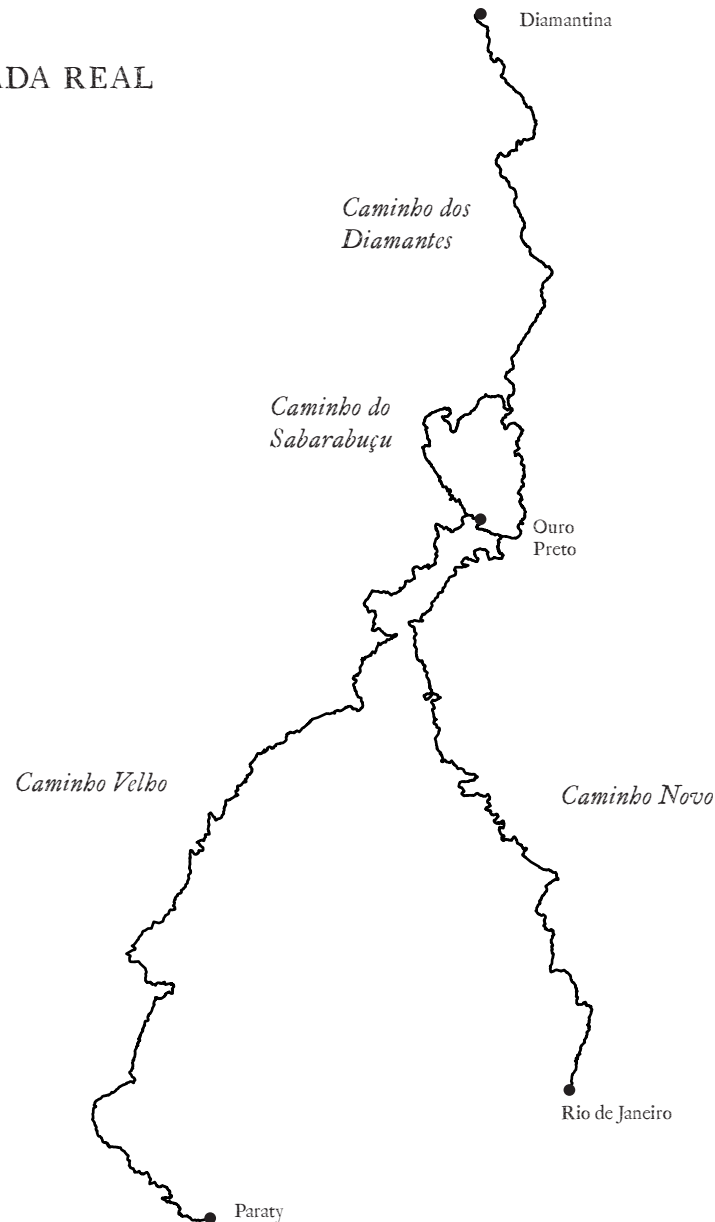
factual, que se encontra no universo da memória e de sua reprodução material.

"A cultura engloba tanto aspectos materiais como não-materiais e se encarna na realidade empírica da existência cotidiana"
(DE MENESES, 1997, p.89)

"A noção de habitante, aliás, implica a cotidianidade. [...] Trata-se, portanto de uma relação de pertença, mecanismos nos processos de identidade que nos situam no espaço, assim como a memória nos situa no tempo"
(DE MENESES, 1997, p.96)

Dessa forma, trata-se de uma exploração gráfica e visual, que pretende apresentar uma narrativa poética e sensível de um percurso. Para isso, toma-se partido da estrutura linear do livro como seu suporte final. Quase como um diário de viagem, o livro apresenta um olhar pessoal e subjetivo, mas ao mesmo tempo buscando dar protagonismo às vozes de seus habitantes, pertencentes à classe trabalhadora, herdeira e reprodutora da memória em um caminho aberto em nome da exploração colonial, a Estrada Real.

A ESTRADA REAL



Com mais de 1630 Km de extensão em suas diversas ramificações, passando pelos estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais, a origem da Estrada Real remonta a meados do século XVIII, quando a coroa portuguesa decide oficializar as rotas para escoamento do ouro, a fim de controlar a produção e cobrar impostos. Ela é composta por 4 principais caminhos: Caminho Velho (710 Km), Novo (515 Km), dos Diamantes (395 Km) e do Sabarabuçu (160 Km), sendo Ouro Preto (antiga Vila Rica) o único ponto de cruzamento destas rotas, e por isso recebe o marco 001 da Estrada. Contudo, previamente à oficialização como Estrada Real a partir de 1717, estes caminhos já eram utilizados como rotas de exploração dos sertões desde o século XVII, e ainda antes, como trilhas indígenas (peabirus).

“Para aumentar essa segurança nesse novo trecho de caminho, mas também para a cobrança de impostos, foi então prevista a instalação de registros ou postos de controle e de cobrança. De modo geral, esses postos deveriam ser instalados nas entradas e saídas das minas e em pontos estratégicos ao longo dos caminhos oficiais, localizados em entroncamentos importantes e em pontos nas divisas entre capitânias. Enquanto alguns desses registros ficaram conhecidos como registros do ouro e tinham por objetivo mais importante fiscalizar a cobrança do quinto, outros

foram implantados visando controle sobre entradas e saídas de pessoas e de mercadorias.”
(COSTA, 2016, p.84-84)

O caminho mais utilizado para acesso à região das Minas Gerais (na época chamada de Borda do Campo), anterior à abertura daquele que parte de Paraty e ao Novo, era o Caminho Velho de São Paulo, que percorria um trecho marítimo entre Rio de Janeiro e São Vicente, necessariamente passando por São Paulo, e depois dirigindo-se ao interior. Tal rota foi decisiva para a interiorização do território nacional, utilizada por bandeirantes inicialmente para o aprisionamento de indígenas para mão de obra, e com a descoberta do ouro, o trânsito se tornou cada vez mais intenso.

“Em menos de trinta dias, marchando de sol a sol, podem chegar os que partem da cidade do Rio de Janeiro às minas gerais, porém raras vezes sucede poderem seguir esta marcha, por ser o caminho mais áspero que o dos paulistas. E, por relação de quem andou por ele em companhia do governador Artur de Sá, é o seguinte. Partindo aos 23 de agosto de 1699 da cidade do Rio de Janeiro foram a Paraty. De Paraty a Taubaté. De Taubaté a Pindamonhangaba. De Pindamonhangaba a Guaratinguetá. De Guaratinguetá às roças de Garcia Rodrigues. Destas

roças ao Ribeirão. E do Ribeirão, com oito dias mais de sol a sol, chegaram ao Rio das Velhas aos 29 de novembro, havendo parado no caminho oito dias em Paraty, dezoito em Taubaté, dois em Guaratinguetá, dois nas roças de Garcia Rodrigues e vinte e seis no Ribeirão, que por todos são cinquenta e seis dias. E, tirando estes de noventa e nove, que se contam desde 23 de agosto até 29 de novembro, vieram a gastar neste caminho não mais que quarenta e três dias.”
(Antonil, 1982, p. 184, In: COSTA, 2016, p.85).

A partir do início do século XVIII, em sua segunda década, o Caminho Novo, aberto por Garcia Rodrigues, já era o mais utilizado, facilmente adquirindo a posição de principal rota de acesso às Gerais. Após o estabelecimento e crescimento das minas e arraiais em Minas Gerais, e posteriormente, com a descoberta dos diamantes no Serro em 1729, surgiram as ramificações do Sabarabuçu e dos Diamantes.

Evidentemente, por estes caminhos circulou todo tipo de mercadoria, não apenas o ouro retirado das profundezas das minas, mas também os próprios escravos que o extraíam. São as veias abertas que permitiram a acumulação de riquezas da metrópole portuguesa, e foi sobre essa história de exploração que foram consolidadas as bases para as tradições, folclores, modos de vida e relações de produção que observamos hoje por estas regiões.

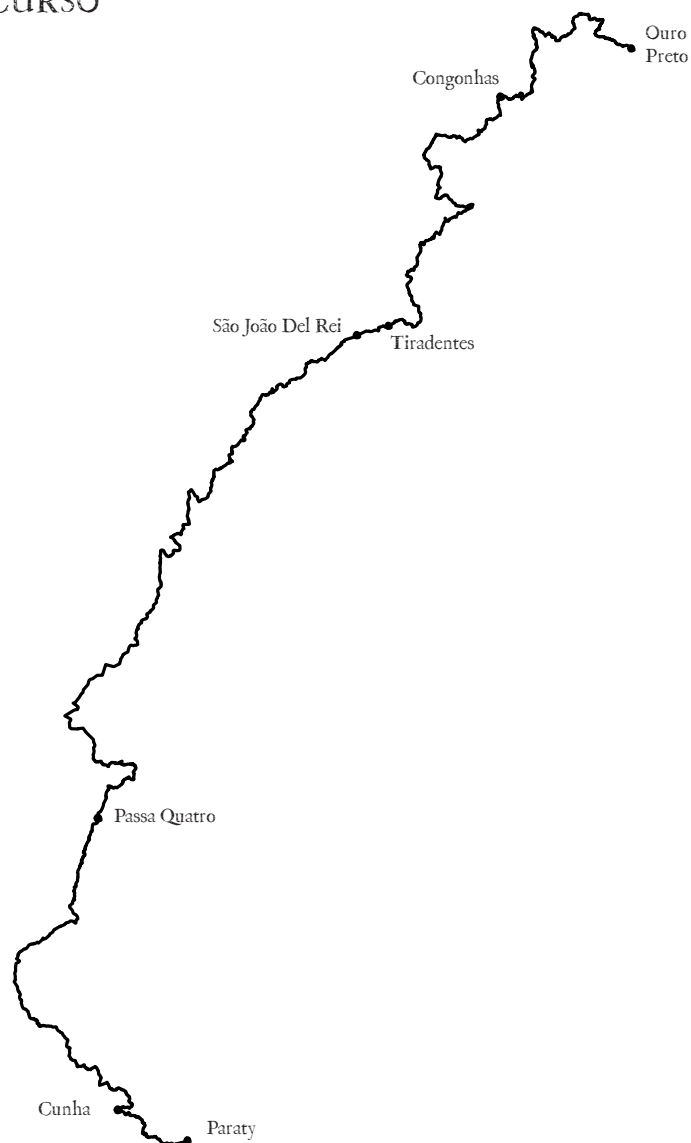
Atualmente, a Estrada Real é a maior rota turística do país, que se estende por trilhas, estradas de terra e vias asfaltadas, sinalizadas sempre pelos seus característicos marcos (imagem da capa deste caderno). As cidades de Paraty e Ouro Preto possuem o título de patrimônio da humanidade pela UNESCO, desde 2019 e 1980, respectivamente. Ao todo, são 1200m de extensão altimétrica do litoral a Minas Gerais.

“Três séculos após o surgimento dos primeiros arraiais e dos primeiros caminhos, após a criação da secretaria de Estado de Turismo de Minas Gerais no ano de 1999, o governo mineiro promulgou a Lei de criação do Programa Estrada Real 2, tendo como objetivo inicial o desenvolvimento do turismo regional. Esta iniciativa foi acompanhada do licenciamento da logomarca que deu início à produção e comercialização de vários produtos licenciados, além de várias modalidades de fomento que visavam estruturar as localidades para incentivar o turismo, tendo como base o pressuposto da grande atratividade turística dos caminhos coloniais mineiros”

(ALMEIDA, 2006; In: PIRES, 2017, p.2).



O PERCURSO



O percurso escolhido foi a rota do Caminho Velho da Estrada Real, que liga Ouro Preto a Paraty. Foram 10 dias de viagem de carro, com paradas em 7 cidades. Três dias em Paraty, uma passagem em Cunha, uma passagem em Passa Quatro, dois dias em Tiradentes, um dia em São João Del Rei, uma passagem em Congonhas, e três dias em Ouro Preto (o último dia dedicado à viagem de 10h de volta a São Paulo). Como foi realizado de carro, o percurso efetivo da viagem não foi exatamente o do Caminho Velho, já que boa parte dele é composto por trilhas e estradas de terra, mas foi o mais próximo possível dele via estradas asfaltadas.

Estas cidades foram escolhidas pela sua notoriedade no caminho, seu grau de “preservação” histórica, sua posição no mapa e também por motivos pessoais (cidades que eu já tinha vontade de conhecer, como é o caso de Congonhas, por causa do santuário do Bom Jesus dos Matosinhos).

Ouro Preto e Paraty entram como início e fim de trajeto, sendo duas cidades com centros históricos tombados e preservados em sua forma colonial. Cunha, Passa Quatro e Congonhas foram pontos de passagem por sua localização, por serem cidades menores e por possuírem ainda algumas construções ditas históricas, porém num contexto muito mais alterado nesse ponto de vista. Tiradentes por ser uma cidade turística que também possui seu centro tombado, como Paraty, e São João Del Rei por ser uma cidade com sua importância histórica e riqueza acumulada na época do ciclo do ouro, porém continuou crescendo em sua prosperidade econômica ao longo do tempo (e por isso convive de maneira diversa com seus edifícios e marcos históricos). Passa Quatro não se encontra no livro final, porque foi a única cidade em que não obtive depoimentos de seus moradores, mas estarão neste caderno suas imagens.

O LIVRO

O produto final deste trabalho, tratando-se de um livro-objeto, foi pensado de modo a reproduzir em sua materialidade aquilo que se propõe a comunicar e representar. Sua parte de maior destaque sem dúvidas é a sanfona, que compõe a estrutura tanto material, quanto narrativa do livro. Ela abriga em suas dobras os cadernos das 6 cidades, e nela está impresso o próprio traçado do Caminho Velho do início ao fim, seguindo o percurso de viagem, e a localização de suas cidades. As cidades que estão representadas nos cadernos têm seu nome escrito em caixa alta, enquanto aquelas que constam apenas para efeito de referência, em caixa baixa. O papel craft foi escolhido pela sua resistência e sua cor, que pode remeter à terra do caminho percorrido.

A estrutura sanfonada permite que ao chegar ao “fim” do livro (a contra-capas), adotando seu sentido de leitura normal, ainda seja possível continuar virando páginas, de modo que seu verdadeiro final, a última epígrafe, esteja logo antes da primeira capa.

Nos cadernos, as fotografias foram impressas em papel pólen, pela sua coloração e textura, que harmonizam melhor com o craft e mais amigáveis à leitura. Impressos em papel vegetal em folhas intercaladas ao pólen, com o objetivo de representar a sobreposição entre memória e cotidiano, imaginário e simbólico, estão os textos dos relatos e os

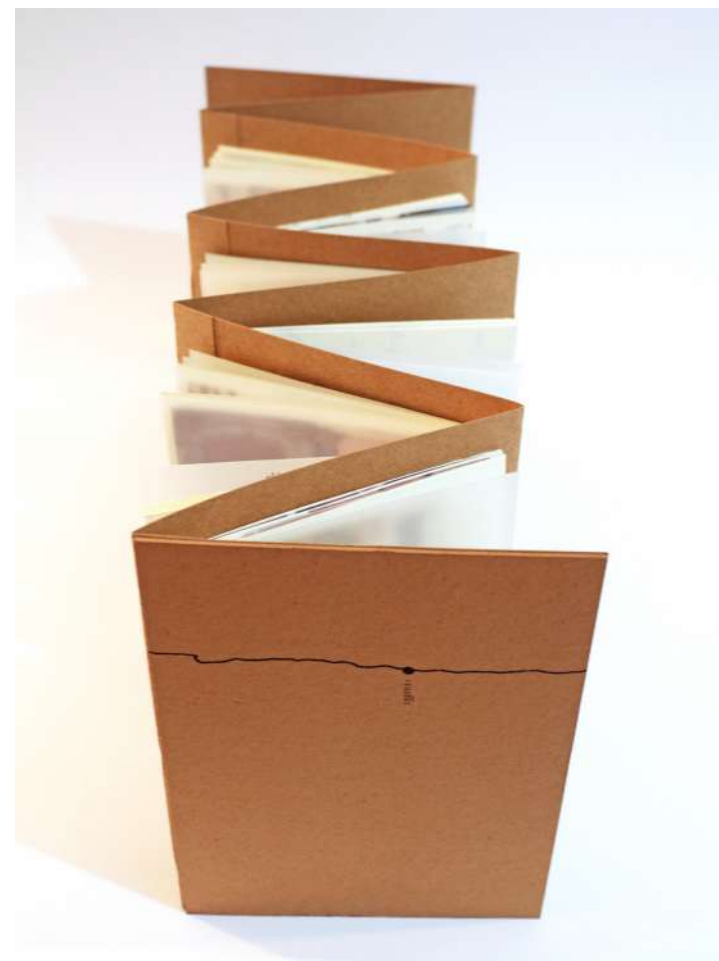


desenhos de detalhes das cidades, que vão desde placas de sinalização até ornamentos arquitetônicos, buscando capturar a atmosfera desses lugares

As imagens estão organizadas em ordem cronológica, sempre agrupando as séries de mesmos temas e mesmos lugares, e sua composição foi pensada de forma que elas interagissem de forma dinâmica entre si e com os textos, que têm como referência a mesma grelha de layout.

As impressões foram todas feitas a laser, exceto as capas em papel couro - por sua vez impressas em serigrafia - e as imagens do livro piloto, que foram impressas a jato de tinta na oficina gráfica da Casa Rex. O processo de utilizar métodos de impressão variados foi, sem dúvidas, uma das partes de maior aprendizado do trabalho, onde pude perceber na prática as diferenças de resultado, as possibilidades de configuração de impressão (ou ausência delas), e os preparos de arquivo necessários para cada um deles. No livro piloto, por terem sido impressos por mim e ter tido o formato ajustado a uma folha A4 nas configurações de impressão, os cadernos estão em um tamanho pouco menor que aqueles impressos na gráfica. Já que estes últimos, foram impressos em folhas maiores e ajustados para terem o formato final refileado no tamanho A4. (ou seja, no primeiro, as marcas de corte foram ajustadas para dentro da folha, e nos próximos, para fora da folha).

Os cadernos foram costurados com costura simples de três furos, primeiro separadamente com linha de pipa, e depois

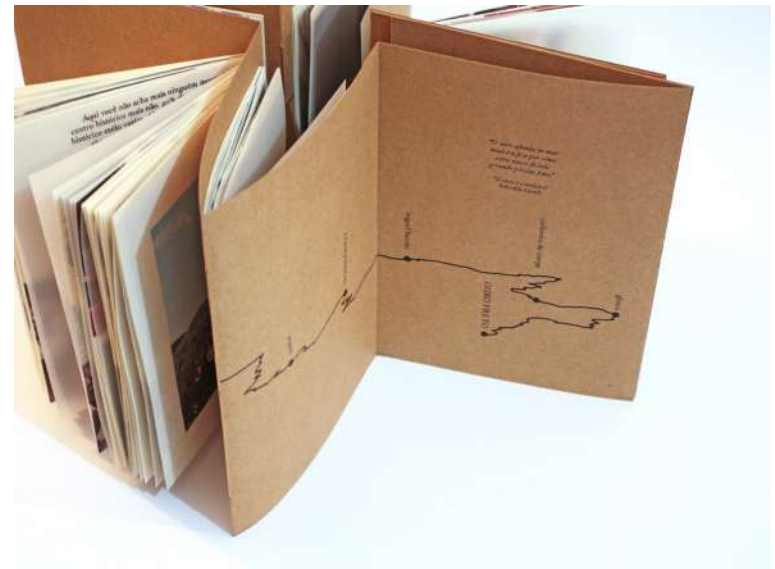


junto à sanfona com linha de bordado marrom, num tom similar ao do papel craft.

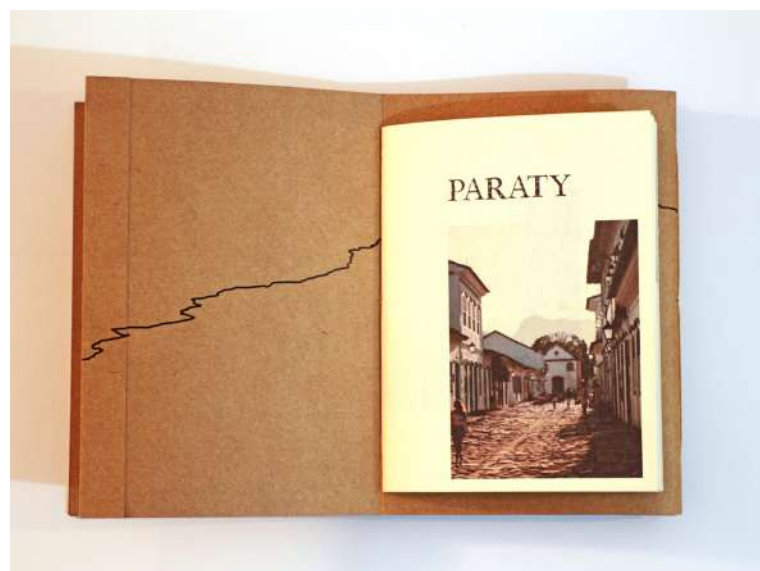
Para que fosse possível a montagem da sanfona, ela foi impressa em folhas A3 no sentido horizontal, ou seja, duas páginas em cada folha, prevendo sobras para as emendas a serem realizadas para que atingissem o tamanho necessário. Foram adotados 2cm de abas para emenda, todas coladas com fita dupla-face.

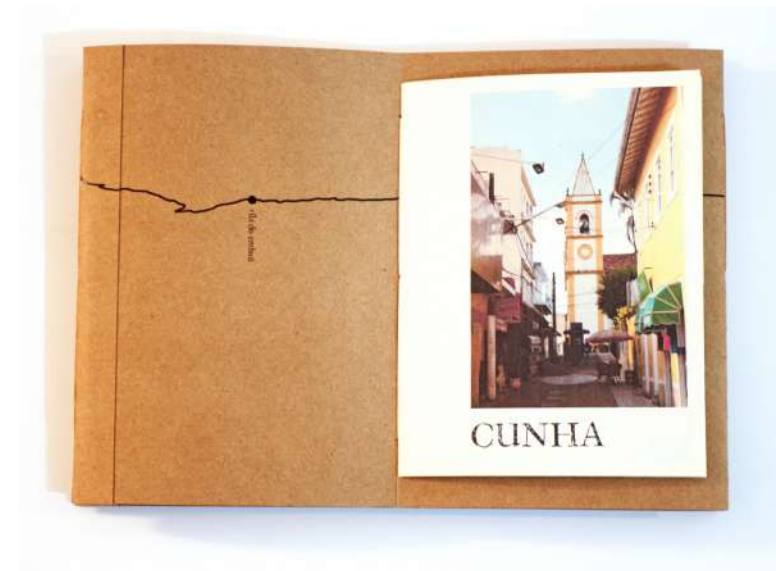
Para a tipografia, foi escolhida a Franklin Caslon, que além de serifada, possui uma leve textura de carimbo, que dialoga com a ideia do “diário de viagem” e passa uma sensação de uma escrita envelhecida ou artesanal













Este conjunto de ruas é tombado, se que alguma
coisa si se modificasse, eu pelo menos não acho
que o IPHAN é tão incisivo em todos os casos
pois aqui. Essa questão de manter a casa, de
manter o desenho pra pessoas, eu não vejo
isso. Aqui os muros são interligados. O setor de
IPHAN fica lá em cima, e eu pelo menos não vejo
esse tipo de ação acidental
Tudo, 11.000



SÃO JOÃO DEL REI

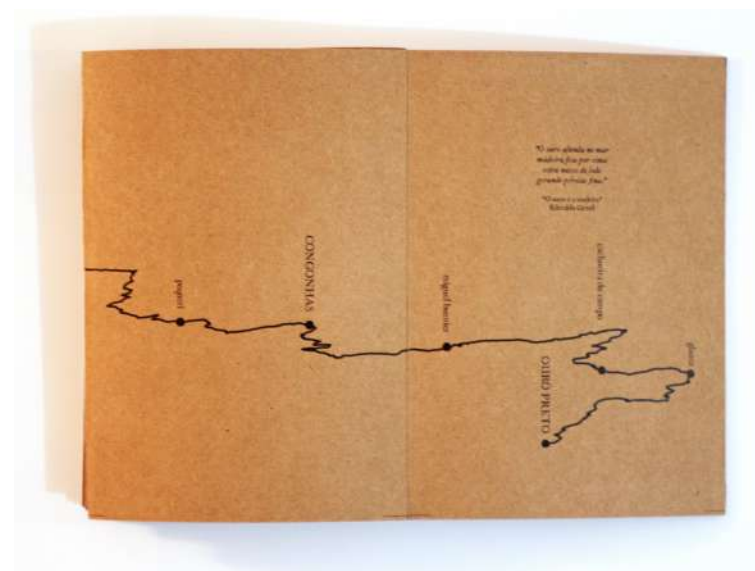
TRILHANTES

parque

OURO PRETO



A dona dessa casa mora aqui em cima, a Dona
Valentina. Várias pessoas moram aqui no quarto
inferior, mas quem ainda mora por lá, eu sei.
Mas eu gosto, acho legal por aqui. Não meu lugar
nem... - como que chama, Antônio? Aqui a casa lá
que os inconfidentes se reuniam lá, como chama?
- Lá tem a casa onde eles planejaram a revolução, tem
gente que foi pega lá, tem gente que foi que é mal
assimado até.
Agora, 11.000

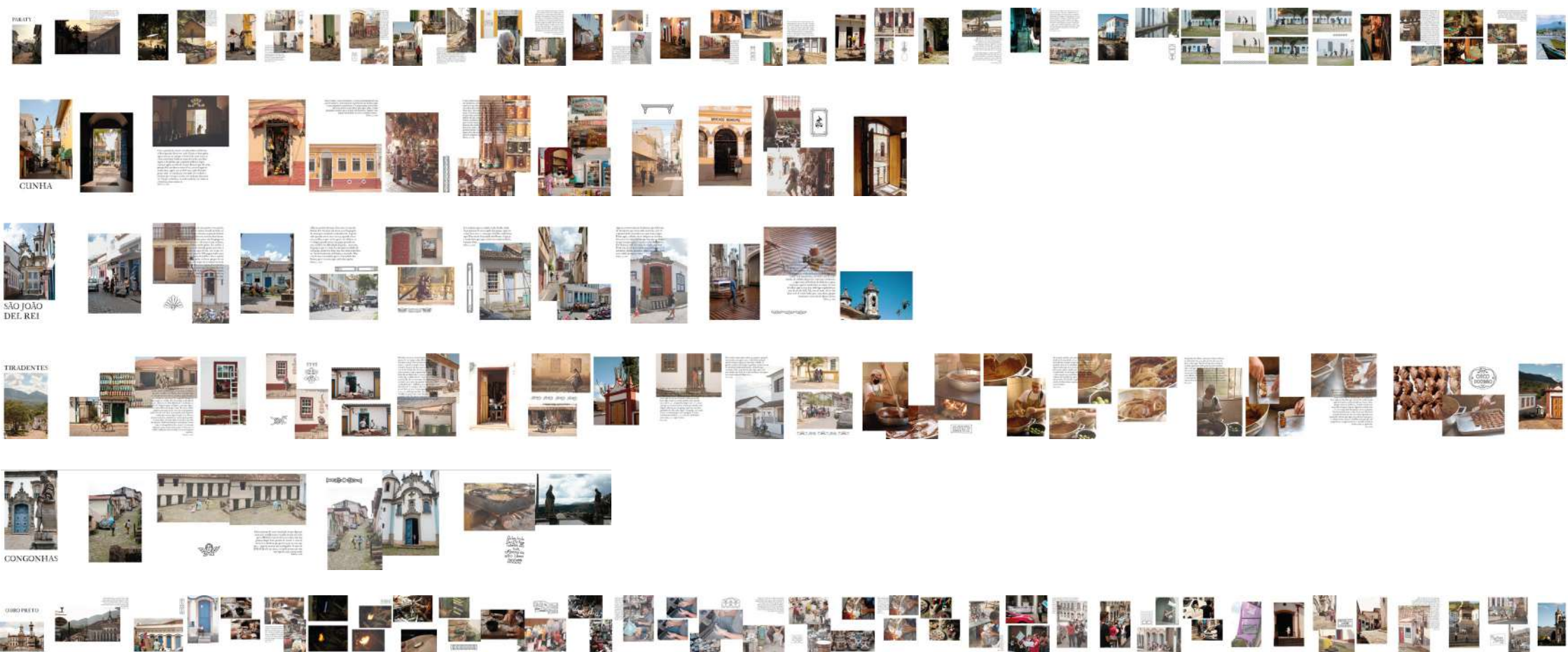








BONECOS



ESPELHOS

ALGUMAS HISTÓRIAS E OUTRAS IMAGENS

Esta seção do caderno é dedicada a contar as histórias por trás de algumas fotografias e seu contexto, afinal, é disso que se trata o cotidiano: pequenas e breves histórias.

Aqui também se encontram as imagens da cidade de Passa Quatro, que acabaram não entrando no projeto final.





Esta página é dedicada às imagens feitas em Passa Quatro. Por mais irônico que seja, ela foi apenas um ponto de passagem em nossa longa viagem de Paraty até Tiradentes. Era uma tarde muito tranquila numa cidade pequena e pacata. Estas foram as fotografias que consegui obter dos poucos transeuntes que encontrei, nas poucas horas em que estive andando pelas ruas.





Estas fotografias do início do caderno de Paraty foram feitas na aldeia Guarani de Paraty Mirim. A esposa do cacique, dona Iracema, me levou para uma pequena caminhada pela aldeia. Ela me indicou alguns lugares e respondeu muito brevemente algumas perguntas que tive coragem de fazer. Me deixou disparar a câmera apenas três vezes. Me preocupei em não fotografar muito diretamente os rostos das pessoas, a fim de respeitar sua privacidade e clara discrição. Não gravei minha conversa com ela pelo mesmo motivo. Anotei em meu caderno apenas que todo dia 20 de janeiro, na casa de reza (esta grande que se vê ao fundo da primeira imagem), é feito um ritual com bolinhos de mel preparados no dia anterior.

Esta simpática senhorinha é Dona Filhinha, de 95 anos, a quem pertencem boa parte dos relatos do caderno de Paraty. Extremamente lúcida, me recebeu na loja de seus filhos e netos, a “Bombom da Maga”, na Rua da Matriz. Ao que parece, é uma das personalidades mais conhecidas da cidade.





No caderno de São João Del Rei, o dono dos relatos escritos é Edmar. Eu estava sentada na praça aproveitando a sombra e esperando alguém passar ou algo acontecer para fazer algum registro. Era uma tarde tranquila de um dia de semana. Até que vi esse senhor abrindo uma capela dos passos com uma chave enorme para colocar uma imagem dentro dela. Não consegui tirar foto do momento da abertura, porque ainda estava muito longe. Me aproximei e o abordei. Perguntei se poderia tirar uma foto sua, e ele me respondeu “Não, foto minha é melhor não porque eu não sou bonito, mas pode tirar do santo”. Estas fotografias que estão no caderno são a imagem colocada por ele, a capela e sua casa, do outro lado da praça.



Estava andando por esta rua estreita em São João e percebi que este rapaz que carregava uma lata de tinta passaria por mim no sentido contrário. Como haviam poucas pessoas na rua aquela hora - fazia um calor tremendo - pensei que faria uma foto em que ele apareceria carregando sua lata. Posicionei a camera de frente para a casa laranja, como quem tiraria um foto somente da janela, esperando ele passar para bater o click. Estava parada olhando pelo visor, esperando pelo momento certo. Mas estava demorando demais. Quando tirei o rosto da câmera para ver o que havia acontecido com o rapaz, ele estava esperando que eu tirasse a foto para passar. Eu ri e sinalizei que ele poderia passar. Ele se apressou para não me atrapalhar. Me apressei para bater a foto. Por isso ele aparece assim tão no canto, um tanto cortado, correndo. Não pude deixar essa de fora.





Em Tiradentes, estas duas moças também foram vítimas do meu olhar bisbilhoteiro e nada discreto de quem anda com uma câmera na mão mirando todos os cantos. Eu passava quando reparei na costureira fazendo seu trabalho atrás da porta aberta. Andei um pouco adiante para não assustar a moça com minha indiscrição. Me posicionei para fazer o primeiro disparo, mas fui notada. Ela deu um sorriso sem graça e eu ri abaixando a câmera e perguntando se poderia tirar uma foto dela e disse que estava tudo bem, não apareceria tanto do seu rosto. Ela permitiu, ainda sem graça, ainda que achando graça da situação, creio eu. Com a moça da bicicleta, foi a mesma situação do rapaz da lata. Me preparei para disparar assim que ela passasse, mas não passava. Quando permiti sorrindo que ela seguisse seu caminho, consegui capturar também seu sorriso.



Estava eu, desdendo a ladeira da Rua da Câmara, em frente à Igreja de Santo Antônio, quando vi essas duas meninas subindo a rua correndo. Lá embaixo, um carro parado, de onde elas vieram. Pararam na porta da casa branca, bem em minha frente, e bateram impacientemente.

“Pai! Pai, abre aí!! O carro travou de novo pra subir, esse carro é muito ruim! Ajuda a gente!”

Observei por alguns segundos e desci a ladeira para chegar mais perto do carro enguiçado e da mãe indignada, sentada na calçada. Um prato cheio para mim naquele momento. Comecei a tirar fotos dos arredores como quem não quer nada. Apontei a lente na direção do carro, como se quisesse fotografar a rua com a igreja ao fundo.

“Poxa moça, aí não né!”, reclamou a mãe sorrindo. Eu ri também, e quando estava prestes a dizer algo, as meninas desciam correndo.

‘Moça, você é fotógrafa?? Tira uma foto da gente??’

Impossível negar. Ajustei o foco, o obturador e bati o click.

Mostrei para elas, ficaram lindas!

“Olha só mãe, a gente é modelo!”

Essa foto eu deixo guardada com carinho. Desejei boa sorte com o carro, e segui meu caminho.





Fomos ao “Chico Doceiro” por indicação de dois turistas que cruzamos pela cidade. Eles carregavam vários potes de doces e nós queríamos comprar também para trazer e presentear pessoas queridas com o famoso doce de leite mineiro. Chegando lá, escolhemos nossos doces e eu, interessada nas boas fotos para o trabalho, perguntei se haveria como ver alguém preparando os doces em algum lugar da cidade, explicando a situação do TFG. Zé foi simpático e muito receptivo, e me convidou para assistir no dia seguinte o preparo dos doces encomendados para um casamento. Às 9h da manhã eu cheguei e Zé já estava terminando o cozimento do doce de leite. A partir daí acompanhei todas as etapas do preparo, até a forma final dos docinhos. Ficamos horas conversando sobre o negócio, sobre a vida na cidade (por isso boa parte dos relatos de Tiradentes são dele). Eu fotografando e ele preparando os doces. Enquanto isso, um vem e vai de pessoas que passavam para cumprimentar, desejar bom dia, contar novidades. Zé é o filho caçula do Chico doceiro, que começou com o negócio na década de 1960. Zé ajudou o pai desde os 8 anos de idade, e agora mantém vivo o “Chico Doceiro”, a doceria mais bem conhecida da cidade.

E não poderia faltar, por ironia do destino, ou apenas uma simples feliz coincidência, algum episódio de manifestação política. Estava subindo a Rua Direita quando encontrei com um ato dos profissionais da educação da subsede de Ouro Preto, em frente ao Sindicato Único dos Trabalhadores da Educação. Panfletagem, bandeiras, microfone, e gritos de “fora Zema!” e defesa do piso e reajuste salarial, que não acontece há 5 anos para a categoria. Me sentindo à vontade, conversei com lideranças e recebi panfletos. Maria me contou que lá estavam professores de vários distritos e cidades próximas, como Diogo de Vasconcelos e Cachoeira do Campo. Disse também que a manifestação poderia estar mais cheia, mas muitos profissionais ainda têm medo de represália.



UM BREVE ENCERRAMENTO

Acredito que este trabalho esteja longe de propor soluções ou apresentar conclusões claras a respeito de uma problemática, entretanto, ao adotar um olhar investigativo e uma posição de escuta em relação aos sujeitos que nesses lugares habitam, é possível perceber que existem muitas contradições a serem enfrentadas a respeito da temática patrimônio-turismo. Com o aumento do turismo, as cidades crescem, as atividades econômicas se agitam, novos recursos são atraídos, o comércio prospera. Contudo, ao mesmo tempo, os custos de vida aumentam e se tornam inviáveis para os menos abastados, que vão se afastando das centralidades. O que fazer com um imóvel tombado no centro histórico de uma cidade? Vale mais a pena morar nele ou vendê-lo? Quem são as pessoas interessadas em comprar e manter estes bens? Pode ser esclarecedor observar que existe um recorte de classe daqueles que se interessam pela manutenção dos imóveis históricos, e daqueles que optam por se desfazer deles e buscar outros lugares para viver. Não é prático, e muito menos barato, cuidar e restaurar imóveis assim, contudo, justamente por isso, pode ocorrer um certo “aburguesamento” destes centros preservados, cujo foco e a prioridade se tornam as atividades turísticas e não a manutenção da vida local, como é o caso de Veneza.

É interessante observar como essas dinâmicas acontecem de formas distintas em cidades de tamanhos e atividades

econômicas diversas. Em Paraty, Ouro Preto e Tiradentes, por terem perímetros históricos melhor delimitados e mais bem preservados, tem uma atividade turística latente e de grande importância para a economia local. Cidades menores e mais alteradas do ponto de vista de sua forma “histórica”, como Cunha e Congonhas, se valem de outros tipos de atividades econômicas, como a mineração no caso de Congonhas e, no caso de Cunha, o turismo ecológico e a produção de cerâmica pela qual é famosa.

São João Del Rei, ao meu ver, é a cidade mais diversa em termos de atividade e conjunto arquitetônico. Edifícios históricos, de grande importância ou não, convivem lado a lado com outros de épocas diversas, e para além disso, existe a uma dinâmica própria de cidade média bem movimentada, com uma subsistência e autonomia bem estabelecida. Como bem observado pelo morador Edmar, São João continuou a prosperar independentemente do ciclo do ouro, com suas universidades, linhas férreas, e atividades que se adaptaram a demandas diversas ao longo do tempo.

Creio que este é um debate ainda muito aberto, mas importante de se considerar quando tratamos de nosso patrimônio histórico: como garantir que ele seja mantido e usufruído, sem a pasteurização ou “fruição voyeurística” de seus espaços, como chama Ulpiano em seu texto?

Como garantir que a reprodução material de uma cultura seja garantida e transformada de acordo com suas próprias necessidades ao longo de sua história, e não às necessidades mercadológicas impostas por um imperativo de consumo fetichizante? Que através de bons olhares e boas análises históricas, possamos conduzir o debate adiante e estarmos atentos aos detalhes.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALESSI, Edilene Silveira; **PERRONE**, Rafael Antonio Cunha. Viagens de Lúcio Costa: desenho como ferramenta de investigação das raízes da arquitetura brasileira. Resumos, 2014. Disponível em: <<https://repositorio.usp.br/item/002645959>>. Acesso em: 7 jan. 2022.

ASSUMPÇÃO, Ana Laura; **CASTRAL**, Paulo César. Olhares sobre Ouro Preto: da patrimonialização ao cenário turístico. Caderno Virtual de Turismo, v. 19, n. 1, 2019. Disponível em: <<http://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/index.php/caderno/article/view/1354>>. Acesso em: 7 dez. 2021.

AZEVEDO, Edilson M. Minas insurgente: conflitos e confrontos no século XVIII. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2005. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/<https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/16345/1/EMAzevedoDISSPRT.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2021.

BARREIRA, Marcos Rodrigues Alves. Henri Lefebvre: a crítica da vida cotidiana na experiência da modernidade. Doutorado, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <<https://www.bdt.d.uerj.br:8443/handle/1/15084>>. Acesso em: 7 dez. 2021.

BESSA, Altamiro Sérgio Mól. A construção das paisagens turísticas nos descaminhos da Estrada Real. Doutorado em Paisagem e Ambiente, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16135/tde-11072011-140556/>>. Acesso em: 7 dez. 2021.

CERTEAU, Michel de. A Invenção do cotidiano: artes de fazer. Petropolis: Vozes, 2008.

COSTA, Beatriz Mendes; **JORGE**, Luis Antônio. A luz do olhar: um ensaio fenomenológico sobre a comunicação do espaço arquitetônico por uma trilha na Serra do Mar. Trabalho Final de Graduação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: <<https://bdta.aguia.usp.br/item/003026484>>. Acesso em: 7 dez. 2021.

COSTA, A. G. Controles setecentistas nos caminhos para as minas de ouro de minas geraes. Acervo - Revista do Arquivo Nacional, v. 29, n. 1, p. 82-96, 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/44742>. Acesso em: 10 abr. 2022.

GARSON, Marília de Castro; **JORGE**, Luis Antônio. Caminhos cotidianos: uma arquitetura de passagens no bairro da Casa Verde. Trabalho Final de Graduação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: <<https://bdta.aguia.usp.br/item/003026801>>. Acesso em: 7 dez. 2021.

LEFEBVRE, Henri. A Vida cotidiana no mundo moderno. São Paulo: Atica, 1991.

LUPPI, Vitória Pasquale; **JORGE**, Luis Antônio. Castello di Avigliana - Percorso museológico. Trabalho Final de Graduação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: <<https://bdta.aguia.usp.br/item/002993750>>. Acesso em: 7 dez. 2021.

MAIA, Tom; **MAIA**, Thereza Regina de Camargo. Paraty. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1975.

MAIA, Tom; **MAIA**, Thereza Regina de Camargo; **IGLÉSIAS**, Francisco. São João del Rei na história de Minas e do Brasil. Rio de Janeiro-RJ: Expressão e Cultura, 1986.

MARQUES, Daniel A. D. Estrada Real: patrimônio cultural de Minas Gerais (?) - Um estudo de Diamantina e Serro. Mestrado, Universidade de Brasília, Brasília, 2009. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbnmnibpcqajpcglclefindmkaj/https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/8153/1/2009_DanielAniltonDuarteMarques.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2022.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. O campo do patrimônio cultural: uma revisão de premissas. In: Brasília: IPHAN, 2012, v. 1, p. 25–39.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. Os “usos culturais” da cultura: Contribuição para uma abordagem crítica das práticas e políticas culturais. In: YÁZIGI, Eduardo; CARLOS, Ana Fani A.; CRUZ, Rita de Cássia Ariza da; et al (Orgs.). Turismo: espaço, paisagem e cultura. São Paulo: Editora Hucitec, 1996, p. 88–99. (Geografia, teoria e realidade, 30).

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de; **ARANTES NETO**, Antonio Augusto; **CARVALHO**, Edgard de Assis; et al. A cidade como bem cultural: áreas envoltórias e outros dilemas, equívocos e alcance da preservação do patrimônio ambiental urbano. [Debate]. Patrimônio : atualizando o debate, p. 33–76, 2006.

MENEZES, Rebecca Marques. Sombras modernistas : o(s) guia(s) de Ouro Preto e a invenção do barroco mineiro. Trabalho Final de Graduação, Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2016. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufop.br/jspui/handle/123456789/11141>>. Acesso em: 7 dez. 2021.

NASCIMENTO, Flávia Brito do; **SCIFONI**, Simone. A paisagem cultural como novo paradigma para a proteção: a experiência do Vale do Ribeira- SP. Revista CPC, n. 10, p. 29–48, 2010.

NÓBREGA, Pedro Ricardo da Cunha. Leituras sobre o cotidiano, a cotidianidade e a centralidade do estudo da vida cotidiana na reprodução do urbano. *Revista Rural & Urbano*, v. 2, n. 2, p. 26–46, 2017.

PEIXOTO, Fernanda. A cidade e seus duplos: os guias de Gilberto Freyre. *Tempo Social*, v. 17, p. 159–173, 2005.
PINHEIRO, Maria Lucia Bressan. A história da arquitetura brasileira e a preservação do patrimônio cultural. *Revista CPC*, n. 1, p. 41–74, 2006.

PIRES, Maria do Carmo. *Revista Turismo y Desarrollo. A “ESTRADA REAL” E A HISTÓRIA DO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE ROTEIROS TURÍSTICOS NO ESTADO DE MINAS GERAIS, BRASIL*, v. 10, n. 23, p. 10, 2017.

REGIANI, Luana Espig. O percurso de Lucio Costa em Diamantina. In: **MENENDES MOTTA**, Márcia Maria (Org.). *Anais do 31º Simpósio Nacional de História [livro eletrônico] : história, verdade e tecnologia*. Rio de Janeiro-RJ: [s.n.], 2021.

RIESTRA, Pablo de la. *Paraty*. São Paulo, Brazil: Beï, 2011. (Caderno de viagem).

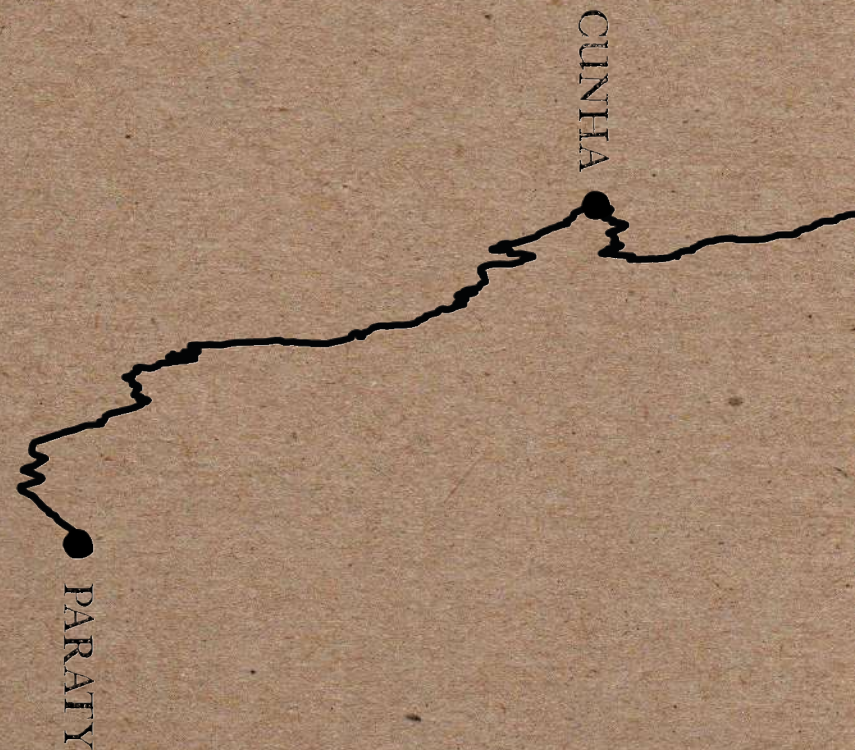
YÁZIGI, Eduardo; **CARLOS**, Ana Fani A.; **CRUZ**, Rita de Cássia Ariza da; et al (Orgs.). *Turismo: espaço, paisagem e cultura*. São Paulo: Editora Hucitec, 1996. (Geografia, teoria e realidade, 30).

PARATY
CUNHA
SÃO JOÃO
DEL REI
TIRADENTES
CONGONHAS
OURO
PRETO



*“já somos quilombos e cidades
 Canudos e Palmares
 originais e originários
 depois do massacre ergueram catedrais
 uma capela em cada povoado
 como se a questão fosse guerra ou paz
 mas sempre foi guerra ou ser devorado
 devoto catequizado
 crucificar em nome do crucificado
 seu Deus é o tal metal, é o capital
 é terra banhada a sangue escravizado”*

*“Vila Rica”
 Don L.*



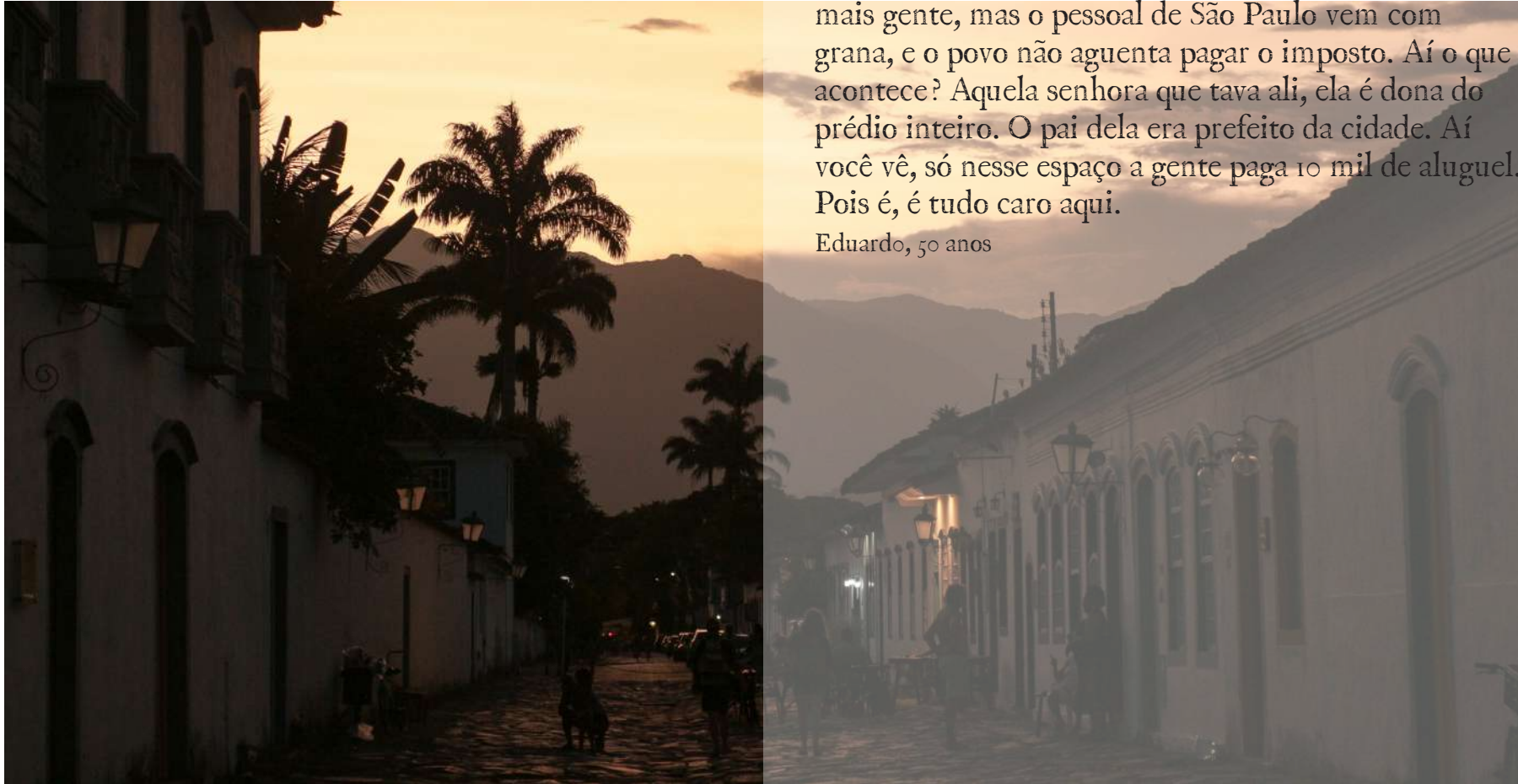
PARATY

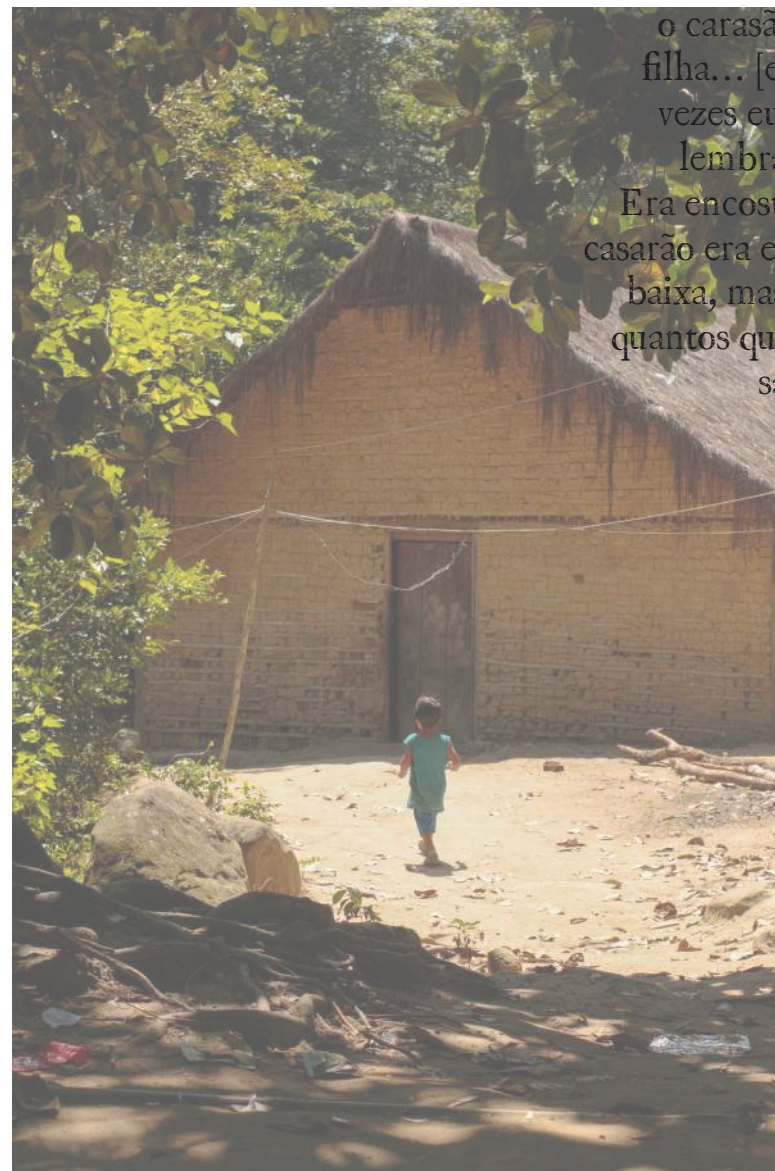


Tem gente que mora no centro histórico, sim. Esse muro verde tem uma entrada aqui na frente, é a casa de um gerente do Banco do Brasil aposentado. Aí ele comprou essa casa, acho que é a única casa que tem garagem aqui no centro.

Mudou bastante por aqui, toda hora muda. Morava mais gente, mas o pessoal de São Paulo vem com grana, e o povo não aguenta pagar o imposto. Aí o que acontece? Aquela senhora que tava ali, ela é dona do prédio inteiro. O pai dela era prefeito da cidade. Aí você vê, só nesse espaço a gente paga 10 mil de aluguel. Pois é, é tudo caro aqui.

Eduardo, 50 anos

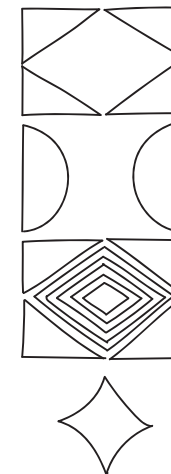




o casarão que tinha lá, minha filha... [em Paraty Mirim]. Às vezes eu fecho os olhos e fico lembrando daquele casarão. Era encostado na igreja. Aquele casarão era enorme! Era uma casa baixa, mas dentro tinha não sei quantos quartos, não sei quantas salas... Deixaram cair.

Dona Filhinha, 95 anos





A rua Tenente Francisco Antonio, que chama Rua do Comércio, era a rua que tinha mais casa residencial, agora só tem a da Rita, Manoel, da Ritinha... Pro lado de cá... Só tem mais umas 10 casas na rua, e era a que tinha mais moradores. Essa rua aqui, a Doutor Samuel Costa é uma das mais importantes, a mais larga e tem o Rosário ali na frente, uma igreja. Também era uma rua que tinha muito morador, agora todo mundo vendeu pra comércio.

Dona Filhinha, 95 anos





As casas onde tinha moradores, ainda estão boas, agora as que estão desabitadas, estão caindo tudo. Em frente à casa do meu filho aqui nessa rua, tem uma casa boa, tem 4 quartos, duas salas, a frente e os fundos pra outra rua, muito boa. Mas tá num estado tão lastimável, que eu acho que não encontram nem quem dê a metade do que eles querem pra vender. Aí a gente fica com pena porque a cidade não evoluiu, ela decaiu. Agora já por outro lado, hoje tem faculdade, tem hospitais, tem médicos do que você quiser... Nesse ponto melhorou bem.

Dona Filhinha, 95 anos





Ah! Banco! Antigamente não tinha banco aqui em Paraty. Eu trabalhei nos Correios por 35 anos e não tinha banco. Todo comércio com nota fiscal, os pedidos, os pagamentos, era tudo feito pelo correio. Tudo, tudo, tudo. Aí quando tinha o dia certo de viajar, a gente vinha no princípio do mês, aí fazia o pedido, ia embora e depois mandava a mercadoria. E o pagamento era feito pelo correio. Agora aqui tem a Caixa Econômica, tem o Itaú e o Banco do Brasil.

Dona Filhinha, 95 anos



Tem a Festa do Espírito Santo, que é uma festa bem tradicional e que acontece sempre no dia de Pentecostes. É uma festa muito bonita. Muito cara pra fazer também, porque o festeiro dá um almoço de sábado, e é um almoço pra 5 mil pessoas. Eu ajudava a organizar, até a última festa eu organizei, mas agora não tenho mais condições. Já falei até pro festeiro que é muito meu amigo, 'olha não conta comigo, meu filho'. Eu posso ir e alguém me leva até lá, eu sento lá pra ajudar, pra orientar, pra dizer ó, tem que fazer isso, fazer aquilo... mas pegar no pesado mesmo eu não tenho mais condições. Ele falou 'ah, dona filhinha, nem eu quero isso, eu quero a senhora com a gente, não se tranca aí não!'

Dona Filhinha, 95 anos

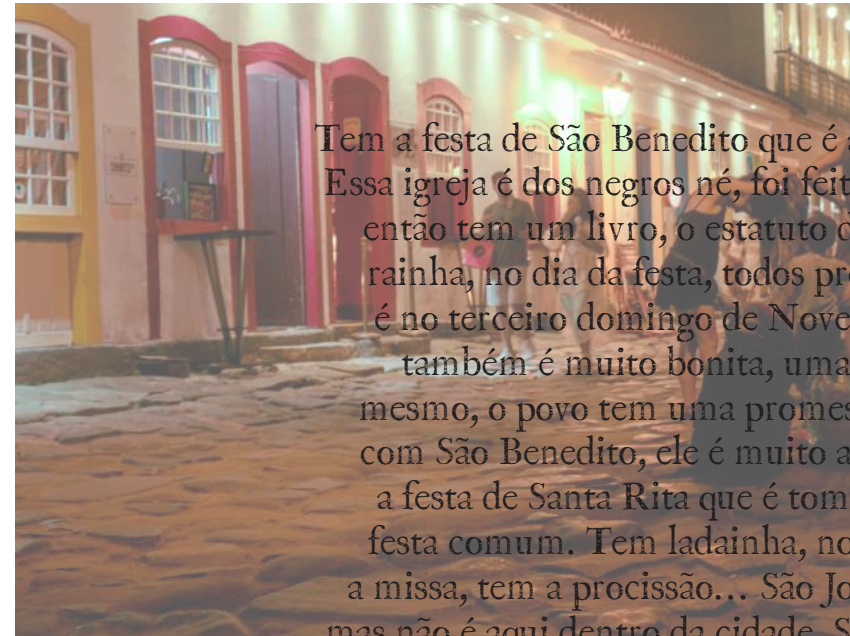




E no dia da festa tinha o Imperador. Meu neto já foi Imperador, cada ano é um, sabe? O festeiro escolhe. É o Imperador, dois vassalos e 4 guardas. São 7 crianças vestidas com roupa típica da época. Sabe, aquela roupa cheia de galão, aquele chapéu assim comprido, é muito bonito. Tem a de Nossa Senhora dos Remédios que é a nossa padroeira, também é muito bonita, no dia 8 de Setembro. Só não tem esse negócio de comida não, mas tem passeata na rua...

Dona Filhinha, 95 anos





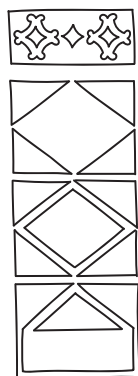
Tem a festa de São Benedito que é aqui nessa igreja. Essa igreja é dos negros né, foi feita para os negros, então tem um livro, o estatuto da igreja, tem rei, rainha, no dia da festa, todos pretos. E essa festa é no terceiro domingo de Novembro. Essa festa também é muito bonita, uma festa devocional mesmo, o povo tem uma promessa muito grande com São Benedito, ele é muito aceito, sabe. Tem a festa de Santa Rita que é tombada, mas é uma festa comum. Tem ladainha, no dia da festa tem a missa, tem a procissão... São João tem também, mas não é aqui dentro da cidade. São João acontece nas fazendas, que costumavam fazer e continuam fazendo e tem a tradição.

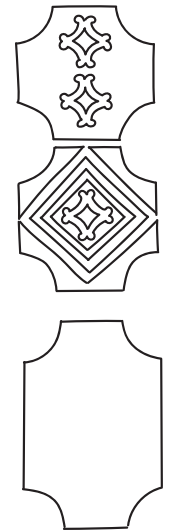
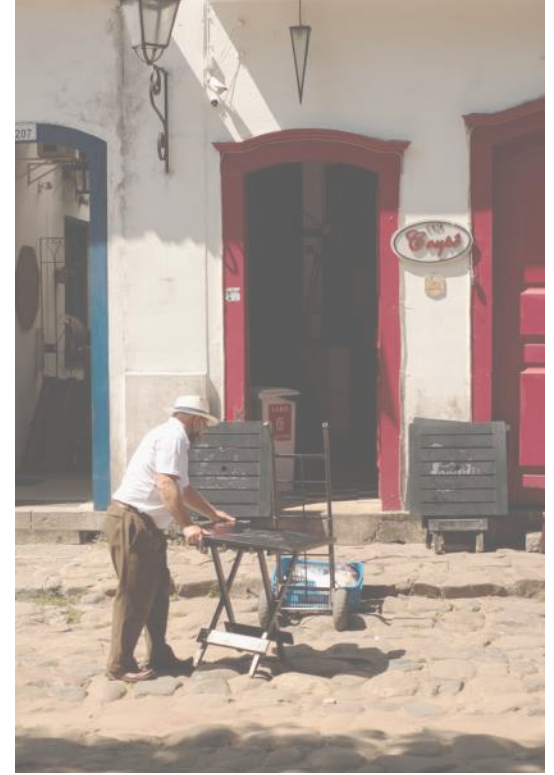
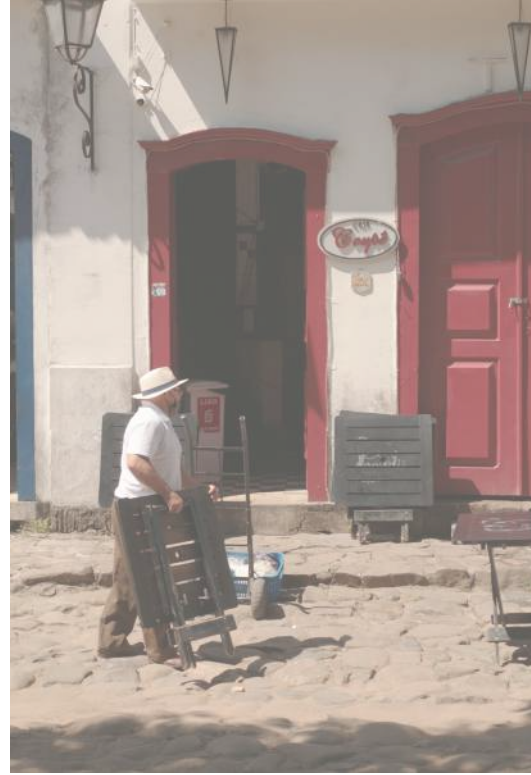
Dona Filhinha, 95 anos



E no dia da festa tinha o Imperador. Meu neto já foi Imperador, cada ano é um, sabe? O festeiro escolhe. É o Imperador, dois vassalos e 4 guardas. São 7 crianças vestidas com roupa típica da época. Sabe, aquela roupa cheia de galão, aquele chapéu assim comprido, é muito bonito. Tem a de Nossa Senhora dos Remédios que é a nossa padroeira, também é muito bonita, no dia 8 de Setembro. Só não tem esse negócio de comida não, mas tem passeata na rua...

Dona Filhinha, 95 anos







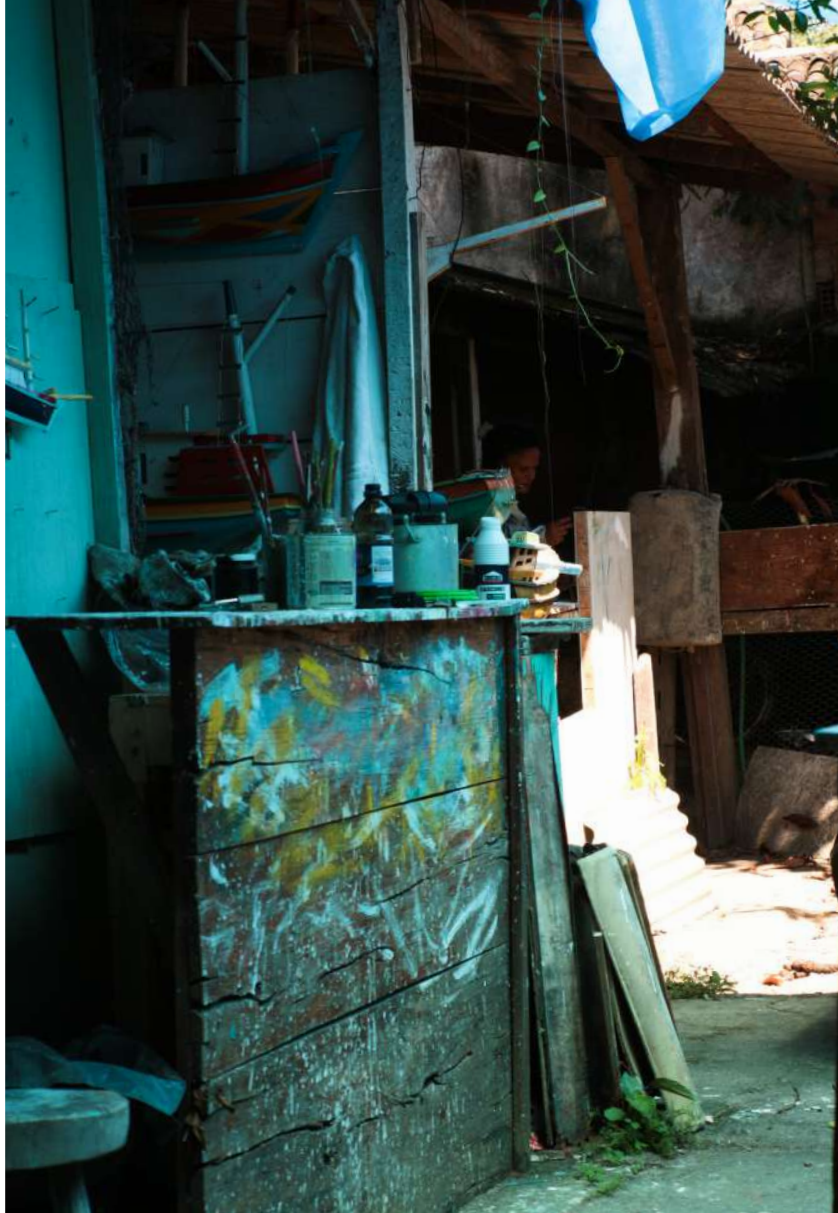
Quando nós casamos, meu marido comprou um bar ali na esquina que agora tem outro nome. Todo dia era 8 horas, 9 horas, o senhor do Jabaquara que pegava camarão vinha trazer pra mim, mas tudo camarão escolhido, tudo aqueles grandes sabe?

Quando era 10 horas da manhã eu levava uma vasilha assim de camarão recheado pro bar. Todo dia! Menina, mas era cada camarão grandão....

Ainda tem, mas não é fresquinho. Ele ia de madrugada pro mar pescar, pescava, e o que ele trazia, ele vendia pra mim. Todo dia. No dia que não dava nada, ele vinha me avisar. Todo dia eu fazia, e lá no bar já tinha o grupo esperando o camarão pra comer.

A minha filha, Magali, a comida favorita dela é o camarão casadinho. E ela faz aniversário dia 25 de junho. Então todo dia 25 de junho eu fazia pra ela. Esse ano não sei se vai aparecer camarão...diminuiu bem. O pessoal vendia na porta, agora não tem mais tanto.

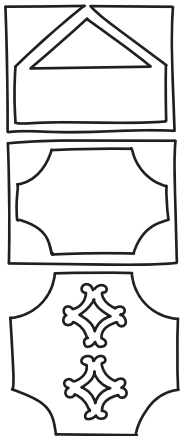
Dona Filhinha, 95 anos



Pra você ter uma ideia, eu me casei em 1947, mas a diferença de lá pra cá foi tanta... Quando eu me casei não tinha ônibus, só tinha lancha que ia daqui pra Mangaratiba. Você pegava a lancha aqui no cais as 7, 8 horas da manhã e ia chegar em Mangaratiba às 4 horas da tarde. E passava em Abraão, passava em Angra, depois ia pra Mangaratiba. Lá a gente saltava, pegava o trem pra central. Chegava na central 10, 11h da noite. Agora você sai daqui, 3h depois já tá no Rio. Faz consulta médica, faz tudo o que tem que fazer, e ainda vem embora. Então tudo isso foi um acréscimo bom que Paraty teve.

Dona Filhinha, 95 anos











Tem 40 anos, eu vim aqui de férias, gostei daqui - eu era bancário - aí larguei tudo pra começar uma vida nova aqui, mexer com artesanato... Trabalhei na rua, com banca de rua, muito tempo. Depois entrei nessa linha de mexer com isso aqui, com uns trabalhos junto com a comunidade. Aí resolvi trabalhar só com isso e fui me organizando. Só nesse lugar, eu tô há 20 anos. Eu moro perto, aqui é só a loja. Mudou muita coisa por aqui, era totalmente diferente. Antigamente era só um gerador que tinha na cidade. A cidade toda era aqui dentro [do centro histórico], e só tinha sítios e roças né, não tinha ainda turismo, então essas casas todas eram de quem morava aqui, era outra cultura, outra história. Tinha muita boemia, muita seresta à noite. Vários bares noturnos, muito mais que hoje em dia, era uma coisa mágica, de outra época. Vinha muito artista, o pessoal do cinema, umas 'cabeça grande', um pessoal legal. Naquele tempo a gente curtiu mesmo a cidade genuína, como ela era. Isso foi na década de 70-80, a BR tava abrindo ainda, eu cheguei nessa época aí.

Mauro, 67 anos





Aqui tem muita arte, muito artesanato, né. Uma das poucas cidades que a gente ainda consegue sobreviver de arte é essa aqui. Tem muitos pintoores, artesãos, pessoal faz máscara, balão, tem muita coisa q é feita aqui mesmo, fora o resto que você vê em todo lugar. Ainda tem muita coisa boa por aqui.

Mauro, 67 anos





vila do embau



CUNHA



Com a pandemia, como cancelou todos os festivais, aí ficou parado, ficou sem nada. Então se deus quiser agora começa né. porque o festival do verão ia ter, aí como aumentou muito os casos de covid, cancelou. Agora o do pinhão, por enquanto tá firme, tá pra começar agora no mês de março. Tomara que dê certo, porque daí cancelou o carnaval né, carnaval aqui era muito bom. aqui é carnaval de rua, então dá muita gente, sabe. A vizinhança vem tudo. Na verdade o turismo que vem pra cá, eles vem mais pra descansar né. Vai pra cachoeira, vai no lavandário, vai visitar as cerâmicas, essas coisas né.

Elisete, 56 anos



Mas Cunha cresceu bastante, cresceu principalmente na parte turística. Tem bastante movimento de turista aqui, o que pegou foi a pandemia. 'Cê pega assim, juventude, não tem muito o que fazer por aqui, sabe, é mais grupinho mesmo que vai pras lanchonetes, sempre tem algum showzinho ao vivo, coisinha assim...

Elisete, 56 anos



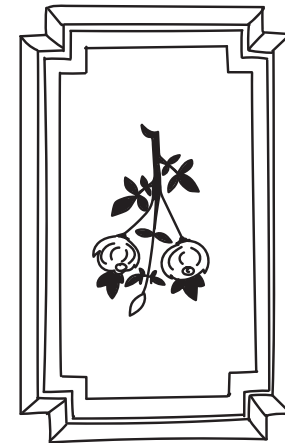


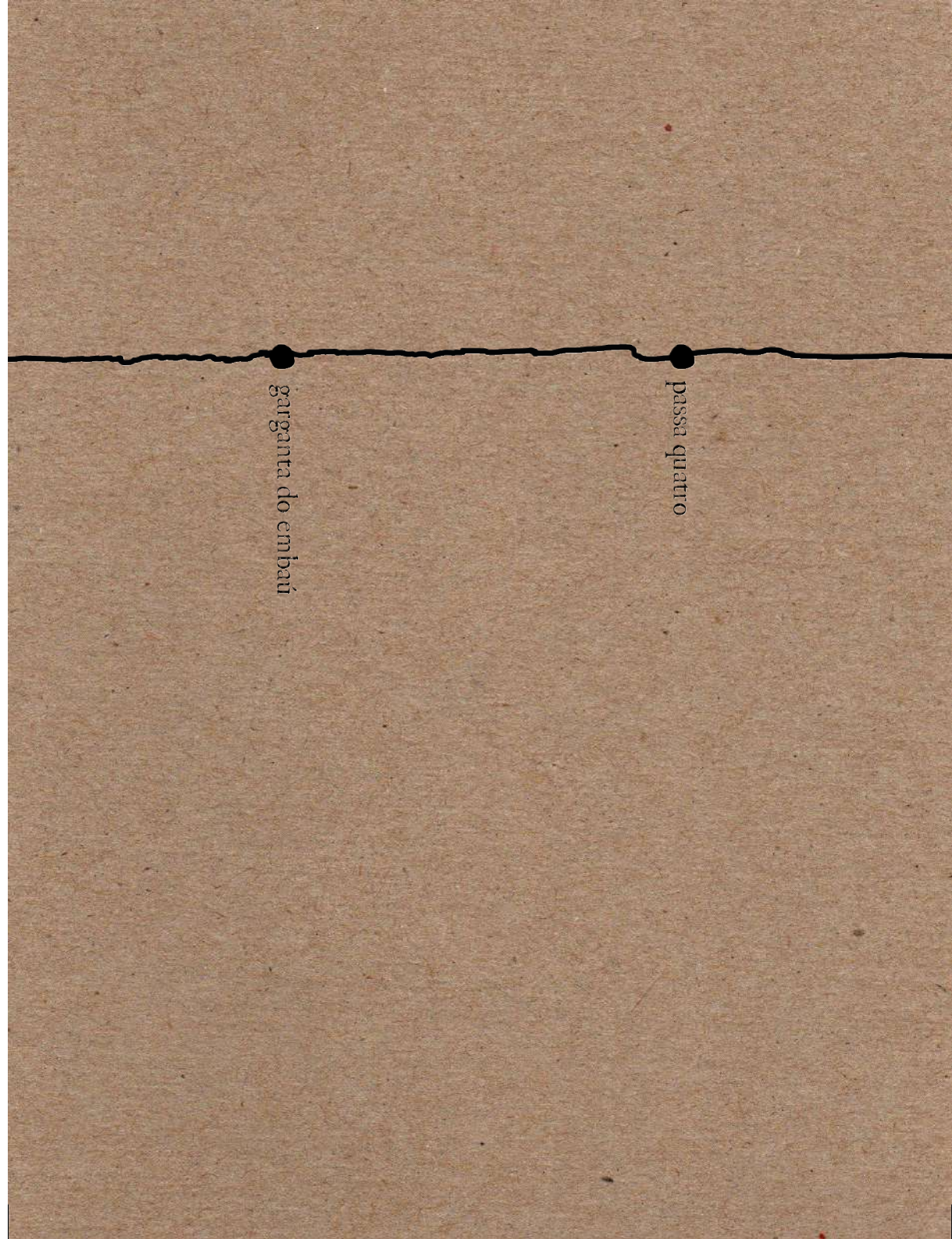
O que sobrou aqui dos prédios históricos, foi graças a um professor, porque ele era historiador, aí foi ele que entrou [com esse processo]. esses prédios que tem aqui em volta, são todos prédios tombados, porque se não fosse isso, não tinha mais nenhum. O povo derrubou tudo. O centro aqui era inteirinho com prédio assim, só que daí, o povo foi derrubando e construindo né, daí foi ele que entrou lá e segurou um pouquinho. João Veloso, professor de português aqui da cidade. Foi ele que criou o museu, escreveu alguns livros contando a história da cidade. Sobrou pouca coisa né, teria que ter feito isso antes. Ali em frente à igreja matriz era tudo prédios assim. A Igreja mesmo sempre foi assim, mas agora eles tão restaurando, eles estão voltando com a pintura original, tá ficando muito bonito.

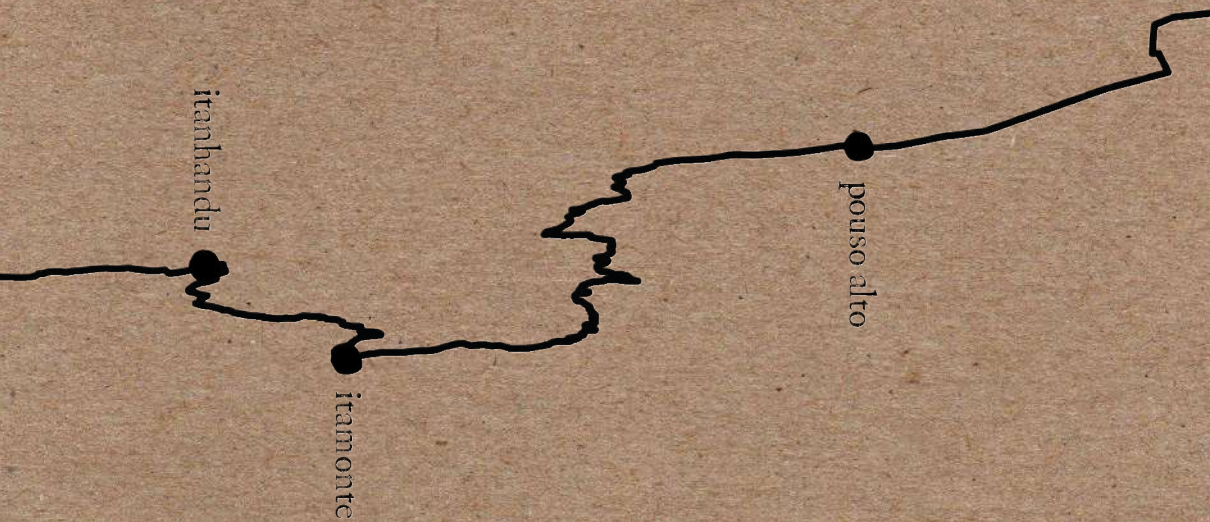
Elisete, 56 anos











SÃO JOÃO
DEL REI



Mas aqui não tá muito bem preservado não, quando eu era menino tinha bem mais coisa. Onde se preservou arquitetura no brasil foi onde entrou em decadência, Ouro Preto entrou em decadência, Tiradentes na minha infância era quase que uma cidade mal assombrada, não tinha nada lá, tudo caindo. Aí a Globo foi pra lá e começou a restaurar, e aqui como tinha fonte de dinheiro, o povo começou a querer modernizar as coisas. Se você for olhar aqui na rua, tem todo tipo arquitetônico, tem do século XIX, XX, tem de tudo. Aí em São João você vê vários estilos por causa disso, porque continuou crescendo de alguma forma

Edmar, 50 anos





Aqui ta acontecendo um fenômeno, que diferente de Tiradentes que virou tudo comércio, você vê o pessoal ainda morando nas casas mais antigas. Então aqui, a cidade não se adequou ao turismo, foi mais o inverso, o turista que tem que se adequar ao que tem por aqui. é a mesma coisa de Mariana. Em Mariana você vê a vida da cidade, em Ouro Preto não, lá já é uma cidade pros turistas, você vê estudante, lojista, pousada... Aqui não, aqui é mais uma cidade pra quem mora.

Edmar, 50 anos





Já é tradição aqui na cidade. Cada família cuida da preparação de uma capela dos passos. Aqui em casa já tem uns 200 anos que a família cuida dessa aqui. Elas são da Irmandade dos Passos. A Igreja é muito forte por aqui, ainda tem muita tradição, bastante festa...

Edmar, 50 anos

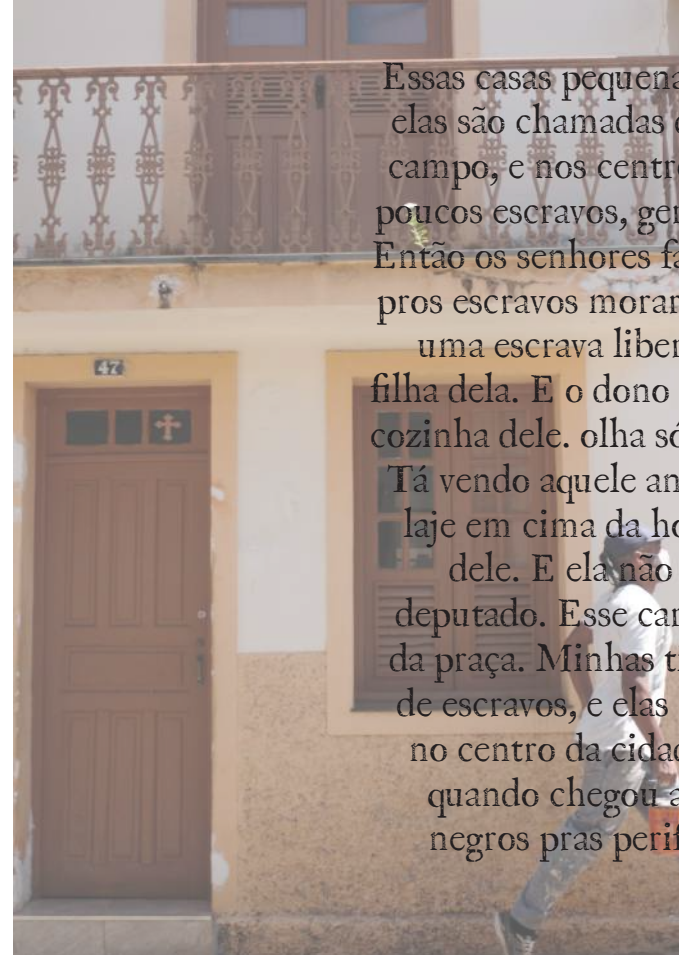




Olha só, são três horas já. Esse sino é o sino da Paixão. Em São João nós temos uma linguagem de sinos que é tombada nacionalmente. A gente sabe quando morre uma criança, quando morre uma mulher, o que vai ter, quem vai celebrar, se é o bispo, quando morre um papa, quando tem uma mulher em dificuldade de parto... tem uma linguagem que é a mais rica das poucas cidades de minas que ainda tem. Esse sino toca toda sexta-feira às 3 horas lembrando da Paixão, o ano todo. Mas é só de uma irmandade, que é a Irmandade dos Passos, que é a mesma que cuida das capelas.

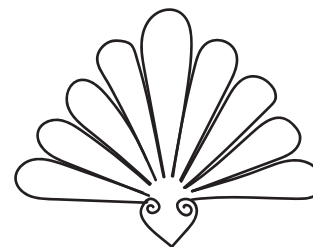
Edmar, 50 anos

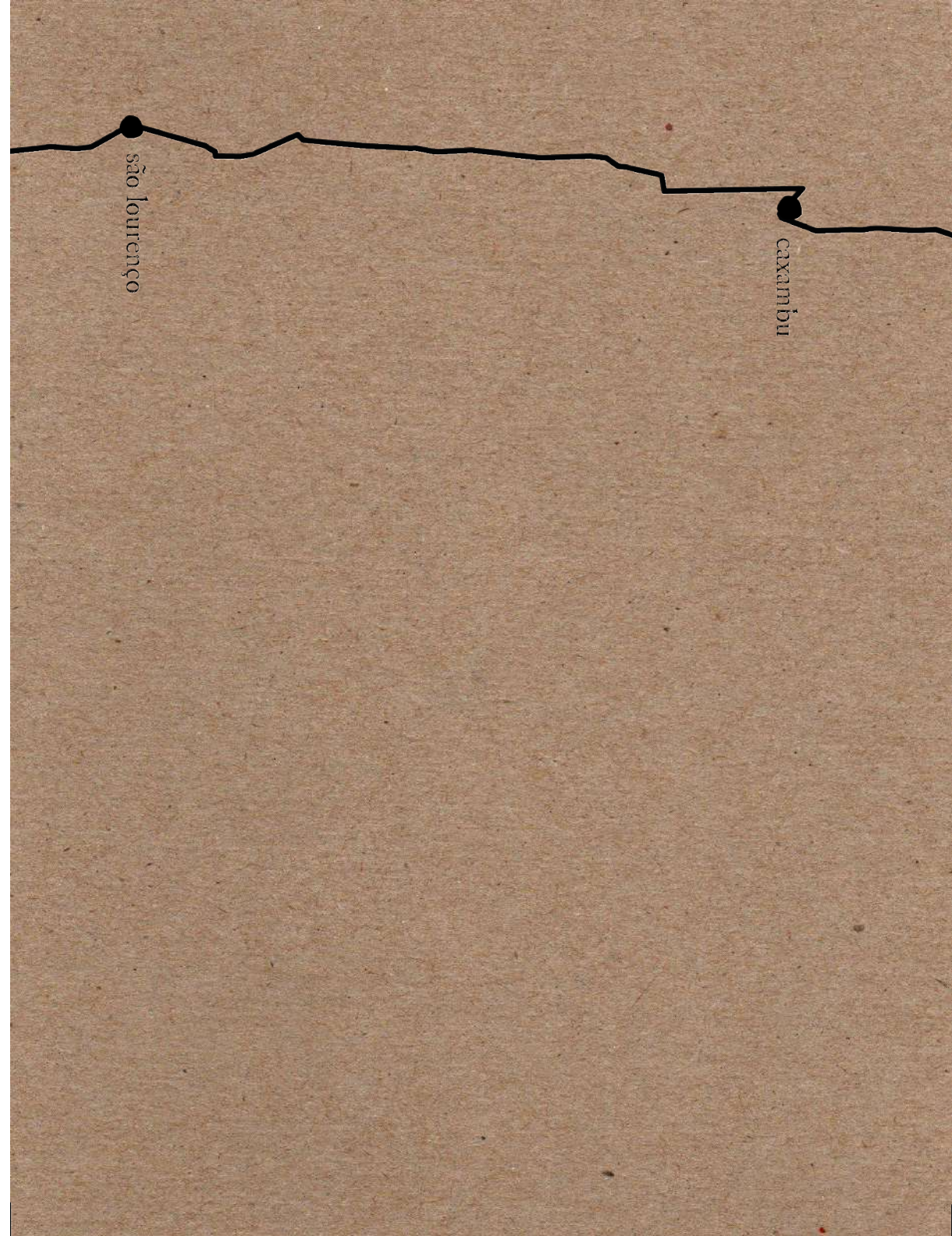




Essas casas pequenas, de uma porta e uma janela, elas são chamadas de coxixó. Senzala só tinha no campo, e nos centros urbanos, as pessoas tinham poucos escravos, geralmente escravos domésticos. Então os senhores faziam essas casinhas pequenas pros escravos morarem. Ali morava uma senhora, uma escrava liberta muito pobre. Eu conheci a filha dela. E o dono do sobrado queria aumentar a cozinha dele. olha só o que ele fez, vem cá pra ver. Tá vendo aquele anexo lá? Ele pegou, bateu uma laje em cima da horta da mulher e fez a cozinha dele. E ela não podia reclamar porque ele era deputado. Esse cara aí que tá na estátua no meio da praça. Minhas tias eram negras, descendentes de escravos, e elas contam que os negros ficaram no centro da cidade de teimosos. Porque depois quando chegou a abolição, queriam mandar os negros pras periferias, mas eles foram ficando.

Edmar, 50 anos





TIRADENTES





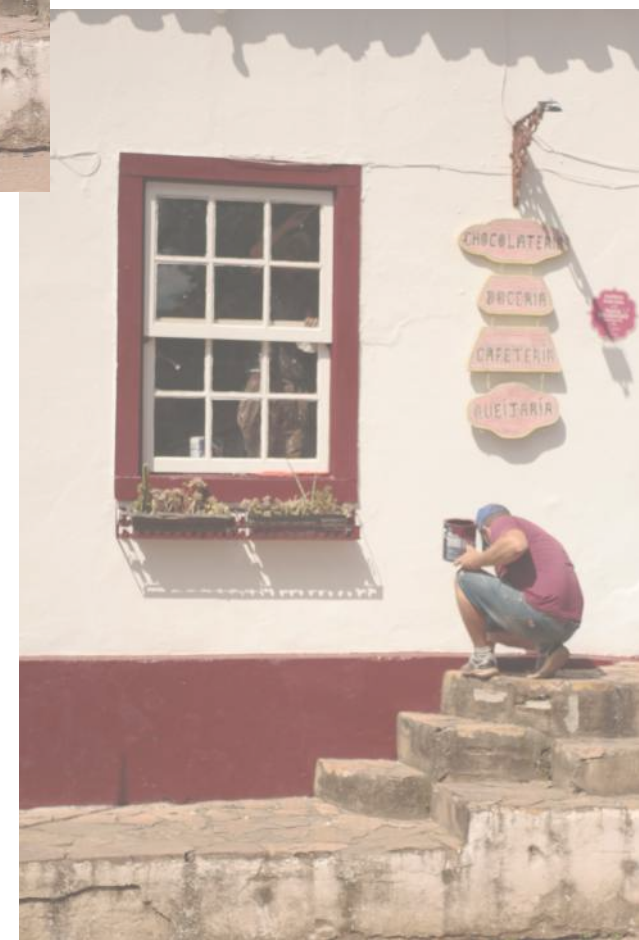
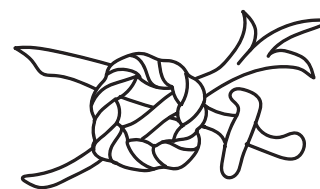
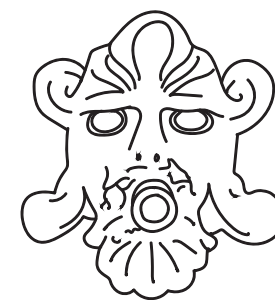
Eu sou de São Paulo, mas já morei em vários cantos. Morei muito tempo no nordeste, inclusive aprendi a entalhar em Olinda. Mas eu tô por aqui em Tiradentes tem uns 16, 17 anos, o suficiente pra me considerar mineiro já. É a segunda vez que eu moro aqui na verdade. Eu morei aqui na década de 1980. Morava em Belo Horizonte e mudei pra cá em 88. Naquela época eu fiquei 4 anos por aqui, e era bem diferente do que é hoje. Era uma cidade pequena, boa pra morar, mas não conseguíamos sobreviver de arte. Tava começando, tinha bastante artista que morava aqui, sempre teve. Mas as pessoas moravam, produziam e saíam pros grandes centros. Hoje não, hoje pelo menos pra esse lado do turismo, melhorou bastante nesse ponto. Tanto é que eu tô aqui direto há 13 anos e eu não saio daqui pra nada, só pra passear, pra vender não. A cidade melhorou nesse sentido e cresceu bastante também.

Branco, 60 anos



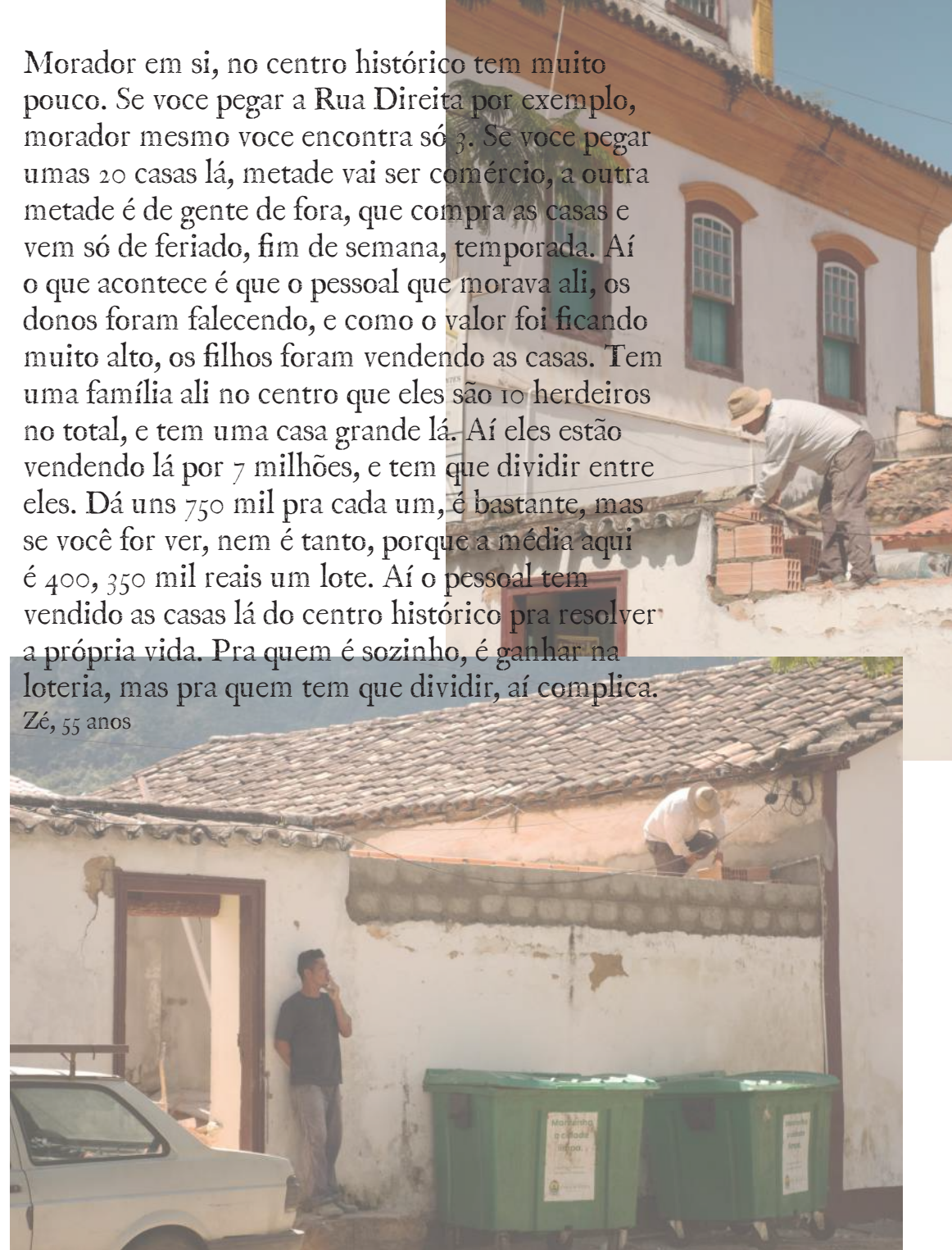


1749





Morador em si, no centro histórico tem muito pouco. Se voce pegar a Rua Direita por exemplo, morador mesmo voce encontra só 3. Se voce pegar umas 20 casas lá, metade vai ser comércio, a outra metade é de gente de fora, que compra as casas e vem só de feriado, fim de semana, temporada. Aí o que acontece é que o pessoal que morava ali, os donos foram falecendo, e como o valor foi ficando muito alto, os filhos foram vendendo as casas. Tem uma família ali no centro que eles são 10 herdeiros no total, e tem uma casa grande lá. Aí eles estão vendendo lá por 7 milhões, e tem que dividir entre eles. Dá uns 750 mil pra cada um, é bastante, mas se você for ver, nem é tanto, porque a média aqui é 400, 350 mil reais um lote. Aí o pessoal tem vendido as casas lá do centro histórico pra resolver a própria vida. Pra quem é sozinho, é ganhar na loteria, mas pra quem tem que dividir, aí complica. Zé, 55 anos







Então, o que acontece é que aqui em Tiradentes, eu tenho observado que houve um período em que algumas coisas que costumava se fazer aqui acabaram, porque os filhos, os netos, foram fazer outro tipo de serviço. Pessoal acabou querendo fazer algo mais leve, ou foi estudar. Isso aí já foi nos anos 80, 90. Aí quando chegou nos 2000, eu já vejo que os meninos saíram muito pra estudar, mas depois voltaram pra cá, porque aqui tem uma boa qualidade de vida, sabe. Aqui é tranquilo, você anda mais a vontade porque não é perigoso. E é bem mais barato também, 5000 reais em São Paulo é uma coisa, 5000 aqui, é outra.

Zé, 55 anos

Daí muitas coisas aqui acabaram, porque o pessoal saiu muito, mas agora com a volta desse pessoal que foi estudar, algumas coisas têm voltado. Se perdeu muito mais do que se ganhou, nesses termos de atividades mais tradicionais... Doceiro por exemplo, tinha mais doceiro por aqui, agora não tem muito não. Tem eu e uma senhora, e daí agora tem essas coisas de fábrica né...

Zé, 55 anos



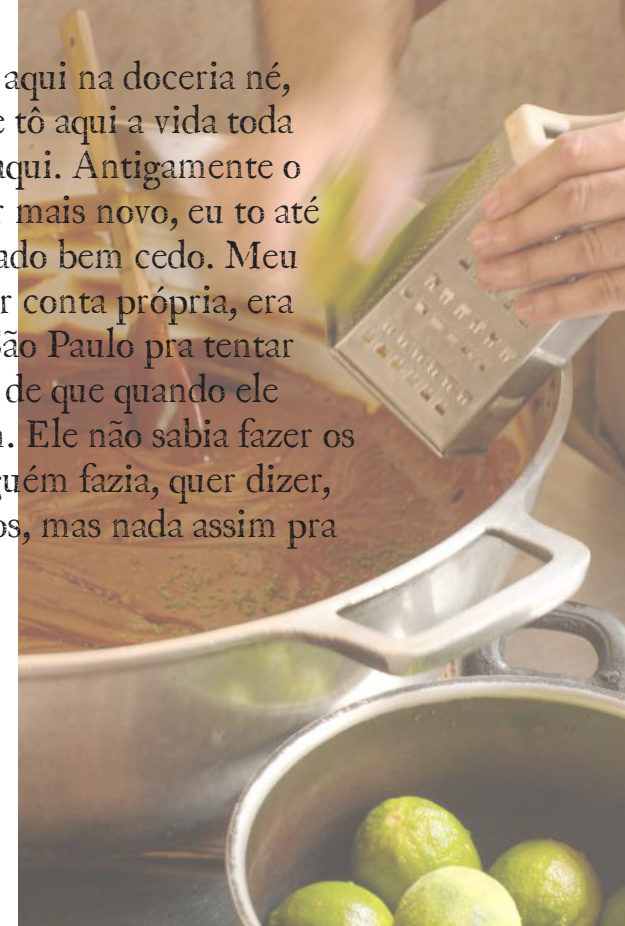


S.S.V.P.



Eu sempre ajudei o meu pai aqui na doceria né, desde os 8 anos, desde 1975, e tô aqui a vida toda fazendo isso, sempre morei aqui. Antigamente o pessoal começava a trabalhar mais novo, eu to até aposentado já por ter começado bem cedo. Meu pai sempre quis trabalhar por conta própria, era o sonho dele. Aí ele foi pra São Paulo pra tentar a vida, mas já com essa ideia de que quando ele voltasse ele trabalharia assim. Ele não sabia fazer os doces ainda. Na família ninguém fazia, quer dizer, minha vó fazia desses caseiros, mas nada assim pra comercializar.

Zé, 55 anos





Aí quando ele voltou, começou a fazer os doces, em dezembro de 1964. Em janeiro de 1965, ele abriu a loja aqui. Mas foi ele que foi criando as receitas, aprendeu tudo praticamente sozinho. Uma coisa que ajudou muito ele foi o querer né. Aí eu entrei aqui porque ajudava né. Talvez se eu não tivesse feito isso desde o começo, tivesse sido mais difícil eu ficar, porque você vai pegando o jeito e acomodando com o que você faz. Se fosse outra coisa, talvez tivesse ficado fazendo essa outra coisa.

Zé, 55 anos

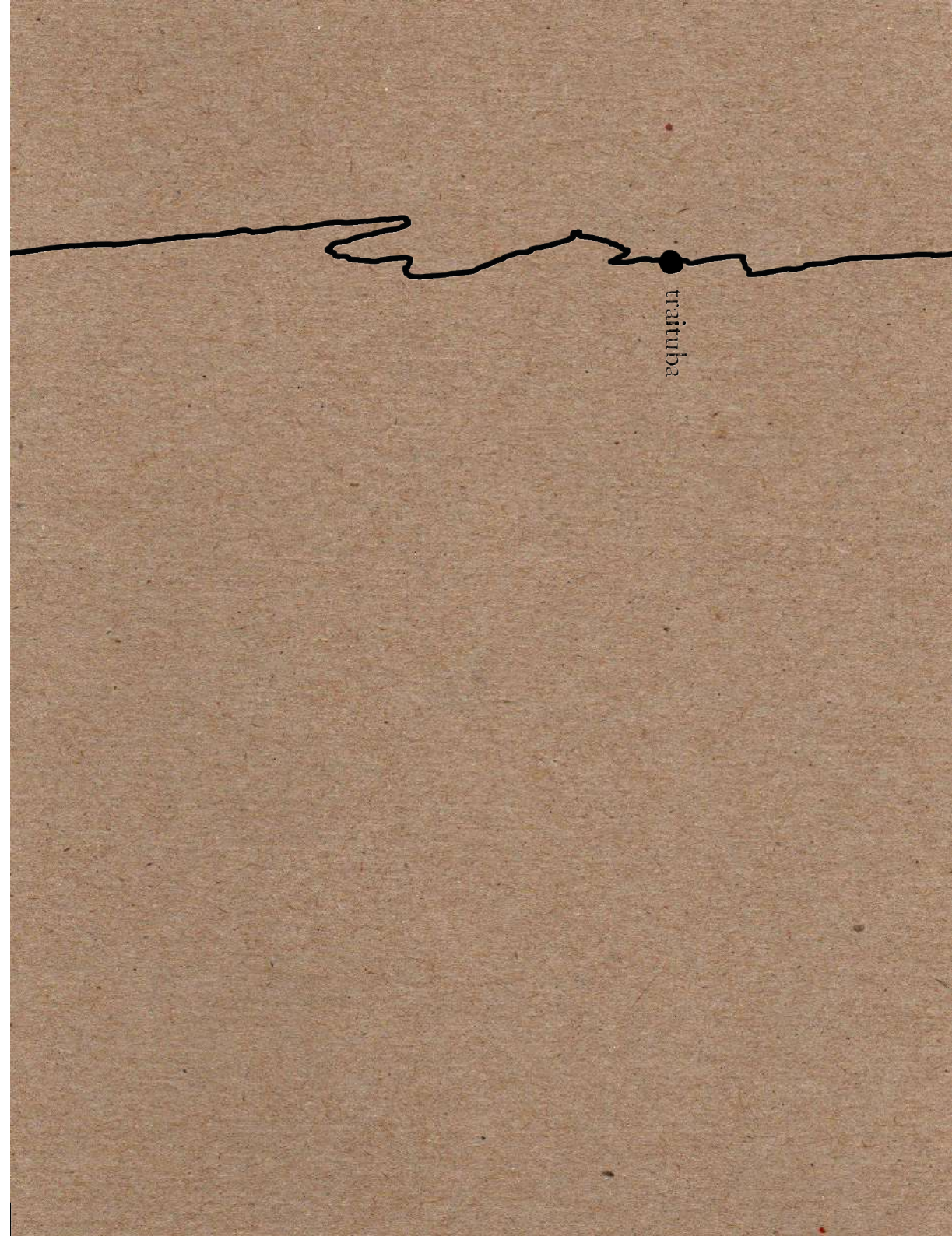


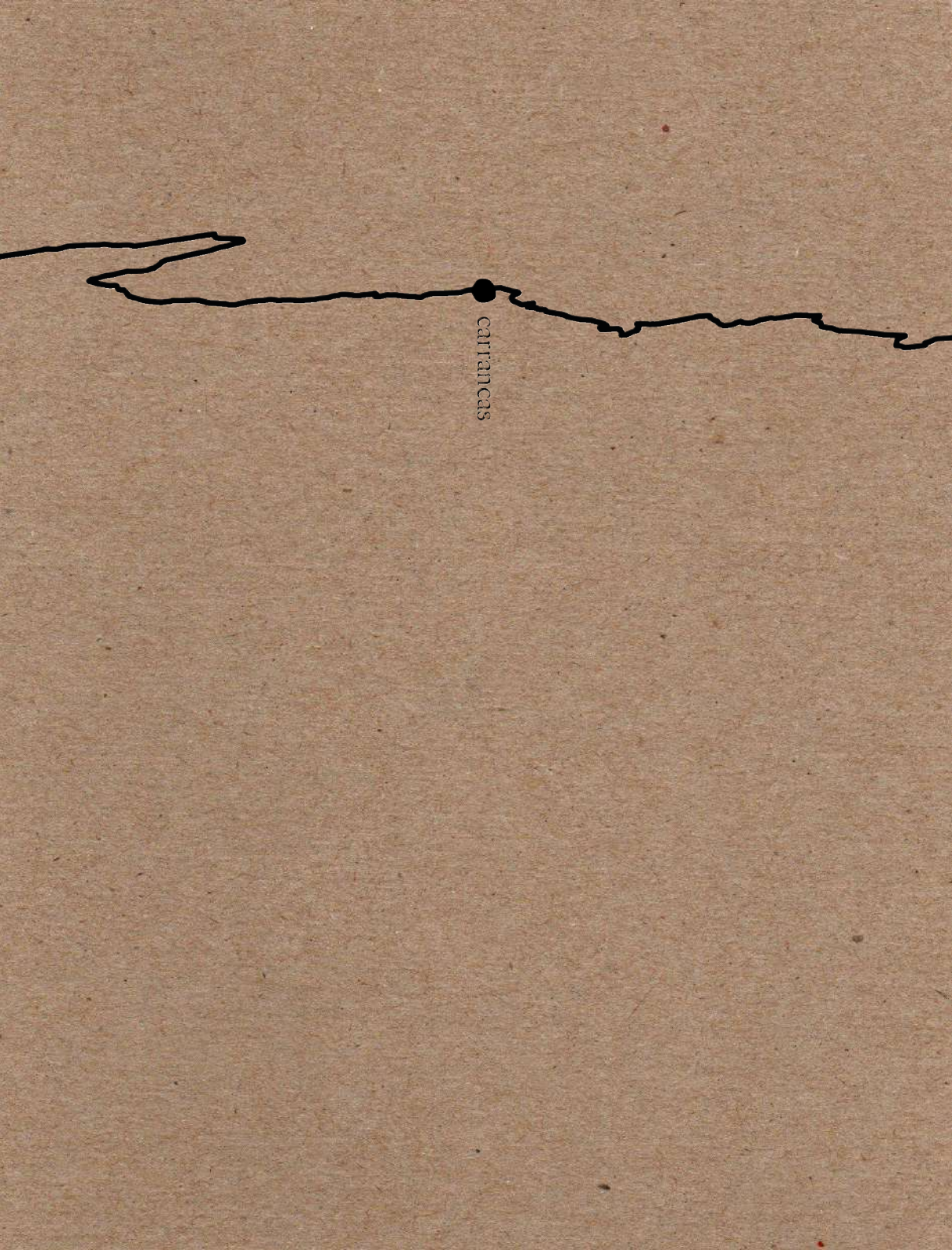


Aqui é uma cidade pequena mas é uma cidade boa.
E outra coisa, por mais que esteja crescendo, por
mais que venha muita gente de fora, ainda tem
muito essa coisa de família, que não se perdeu.
Tem algumas famílias que moram há muito tempo
aqui, tem bairro muito familiares, e isso é bom,
porque não traz violência. Aí todo mundo tem
uma ideia de quem é quem. Quando a minha mãe
era viva, aqui todo dia passava umas 15 pessoas.
Vai diminuindo, isso é natural, mas eu falo dessa
amizade do interior, ela não acaba. Quando uma
pessoa fica doente por aqui, uma doença mais grave,
a cidade inteira comove. Os filhos dos pais que são
amigos ficam amigos também, e vai todo mundo se
conhecendo, se ajudando.

Zé, 55 anos







CONGONHAS





Esse conjunto de ruas é tombado, só que algumas casas já se modificaram, e eu pelo menos não acho que o IPHAN é tão incisivo em cobrar isso das pessoas daqui. Essa questão de manter a casa, de fornecer o dinheiro pra preservação, eu não vejo isso... Aqui os museus são interligados. O setor do IPHAN fica lá em cima, e eu pelo menos não vejo esse tipo de ação acontecendo

Isabel, 32 anos

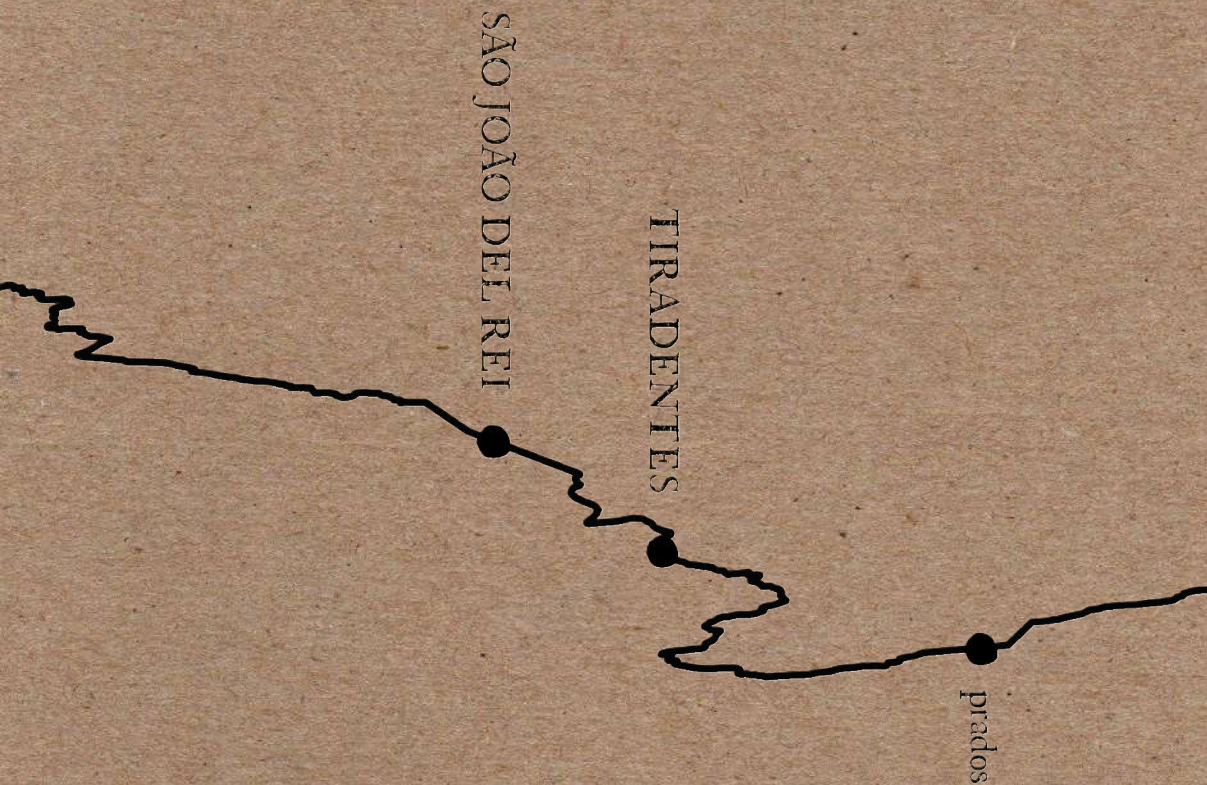




Speleo. inclu
sus (sic Rege
iubente) Leo
num,
Numinis au
xilio liberor
incolumis.
∞∞∞



OURO PRETO



Até que aqui nesses 40 anos não mudou muita coisa. O que muda são as pessoas, mas a cidade tá praticamente igual, porque é histórica né, tem que ser preservada. Ouro preto é uma cidade universitária também, tem muito estudante aqui, muita república

Geraldo, 65 anos



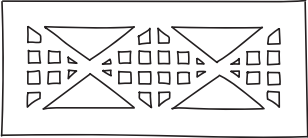




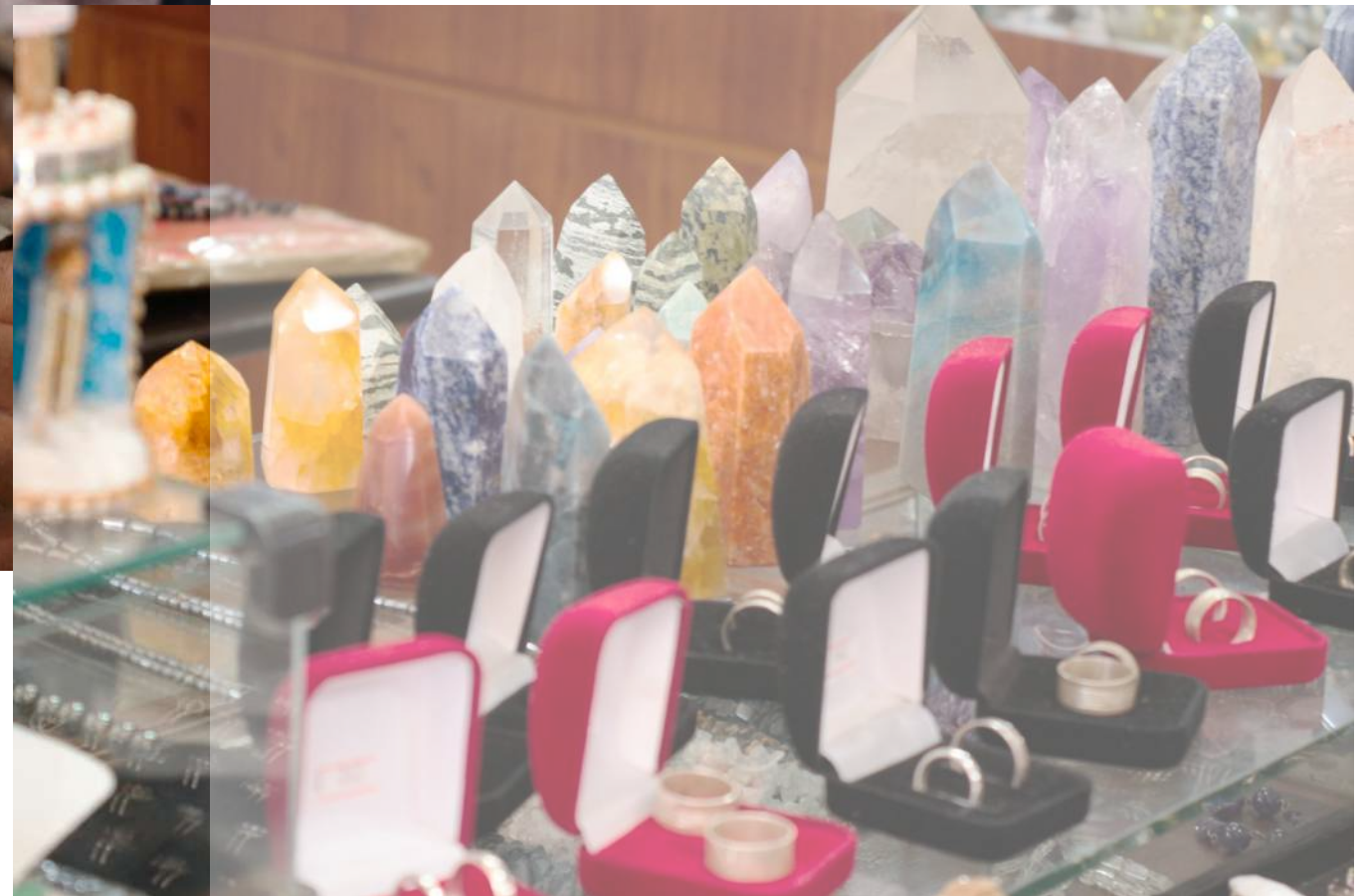
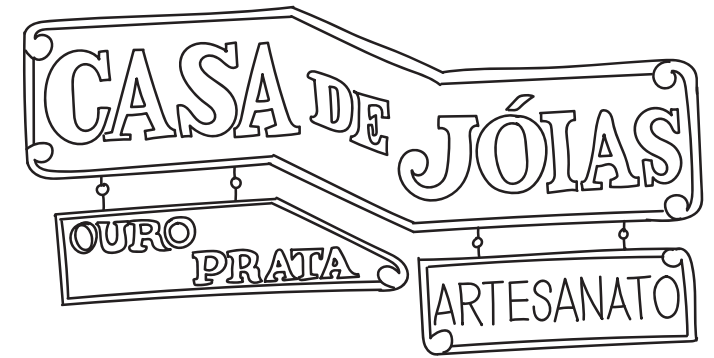
A dona dessa casa mora aqui em cima, a Dona Valentina. Várias pessoas moram aqui no centro histórico, mas quem ainda mora quer ir embora. Mas eu gosto, acho legal por aqui. No meu bairro tem... - como que chama, Anísio? Aquela casa lá que os inconfidentes se reuniam lá, como chama? - Lá tem a casa onde eles planejavam as coisas, tem gente que foi pega lá, tem gente que fala que é mal assombrado até.

Igor, 26 anos







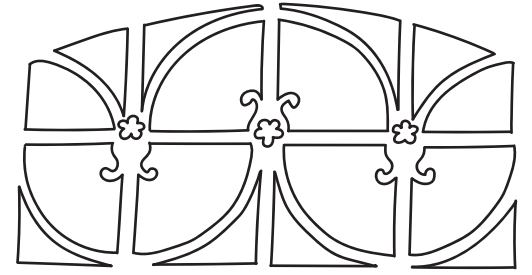




Antes do artesanato, eu trabalhei muito com siderurgia. naquela época, a Alcan tava no auge aqui em ouro preto, nem precisava estudar pra entrar lá não. Eles empregavam muita gente pra fazer o serviço pesado, que não precisava de muito conhecimento. Chegou a ter uns 4 mil funcionários. Agora diminuiu muito. Quem trabalhava lá, naquela época, tinha nome na cidade. Mas é um trabalho ingrato, ficar o dia inteiro na frente do forno, estraga a saúde. A gente tinha que trabalhar muito, não tinha tempo pra estudar. Com os filhos agora é diferente, a gente até segura eles pra poder estudar porque é importante.

Geraldo, 65 anos





Aqui você não acha mais ninguém morando no centro histórico mais não. 90% das casas do centro histórico estão vazias. Algumas das casas históricas têm república de estudantes, porque aqui tem todos os cursos. Mas a quantidade de repúblicas aqui atrás desse morro é muito maior, porque a universidade fica bem ali. As aulas voltaram hoje até, teve festa pra todo lado por aí. Até a fila pra fazer cópia de chave tá lotada.

Beto, 69 anos



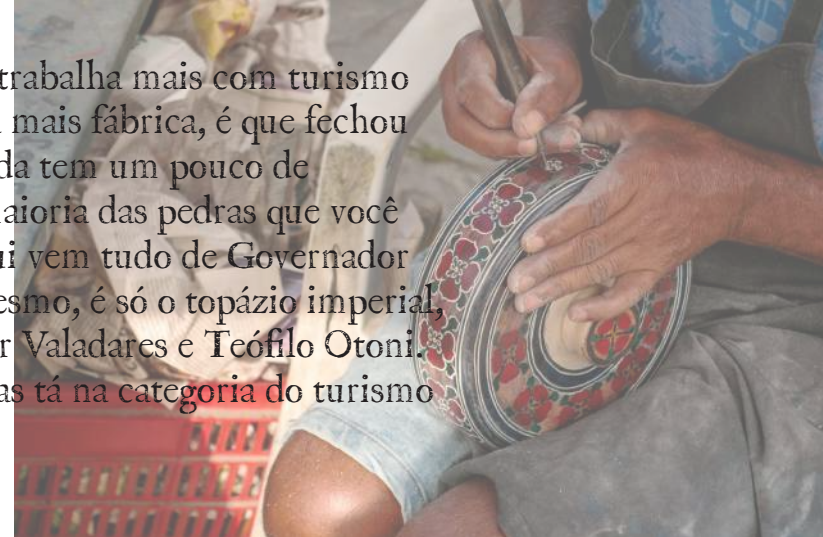
AQUI VIVEU
THOMAZ ANTO
NIO GONZAGA
1782 - 1788





Hoje o pessoal aqui trabalha mais com turismo mesmo. Antes tinha mais fábrica, é que fechou muito né... mas ainda tem um pouco de mineração. Mas a maioria das pedras que você vê vendendo por aqui vem tudo de Governador Valadares. Daqui mesmo, é só o topázio imperial, o resto é Governador Valadares e Teófilo Otoni. Mas o comércio delas tá na categoria do turismo também.

Beto, 69 anos





Pra cá vem gente do mundo inteiro. Vem muito italiano, francês. Mas antes vinha mais, comprava muita pedra da gente. Na época de férias deles lá, isso aqui ficava lotado. Mas o que mudou muito isso aí foi a internet também. Antes eles vinham atrás das pedras preciosas, hoje em dia o pessoal compra tudo na internet, ou vai pra São João Del Rei e Governador Valadares, que é mais barato que aqui.

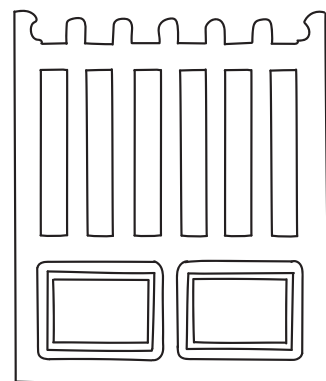
Beto, 69 anos



A nossa subsede é Ouro Preto né, mas aqui tem professor de Diogo de Vasconcelos, Cachoeira do Campo, vários municípios e distritos, mas é tudo a mesma subsede. Não tá tão cheio porque o pessoal tem medo do cabresto né, mas a gente tá sem reajuste tem 5 anos. Pessoal do sindicato tá se organizando em várias cidades, porque não dá pra continuar assim, os funcionários das escolas não estão conseguindo se manter.

Maria, 52 anos









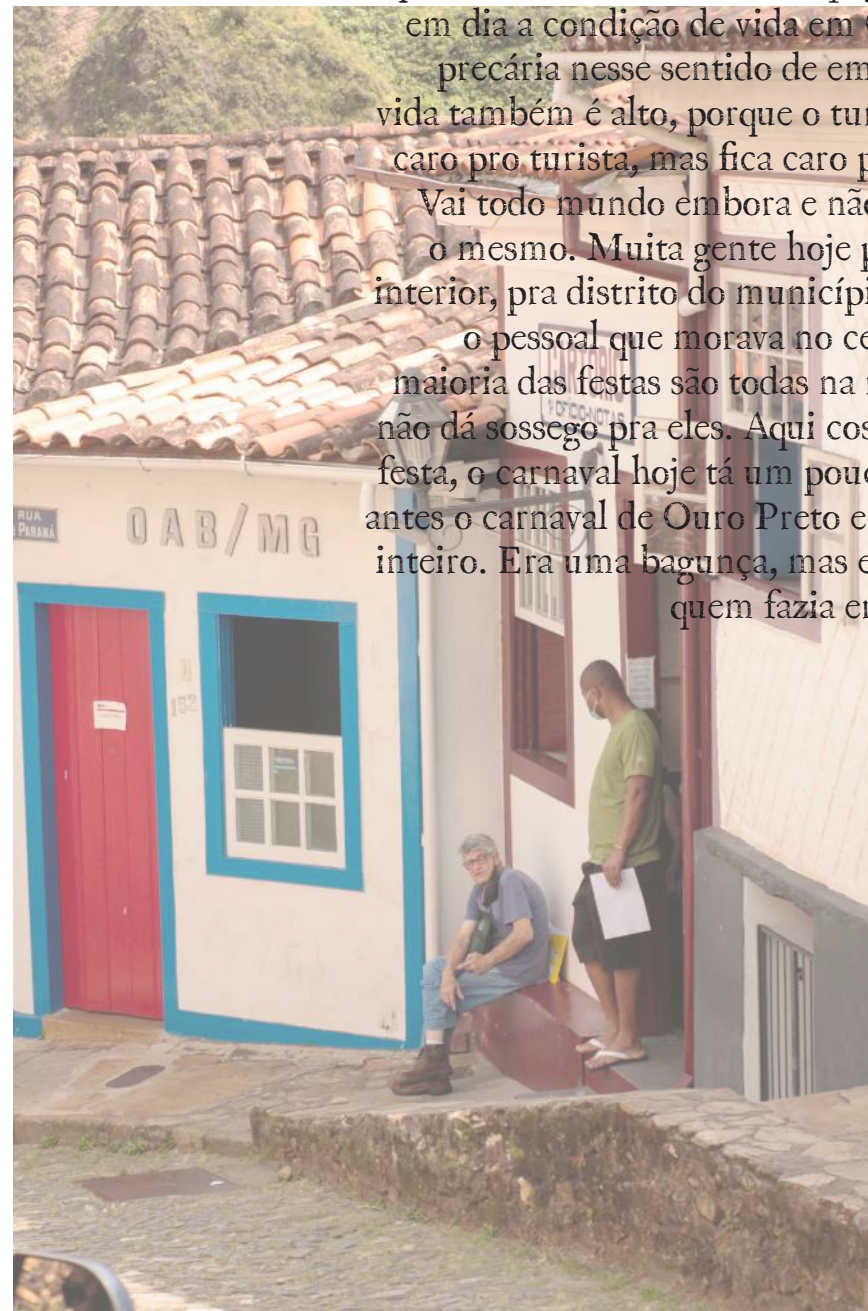
REPÚBLICA
JARDIM
ZOOLOGICO



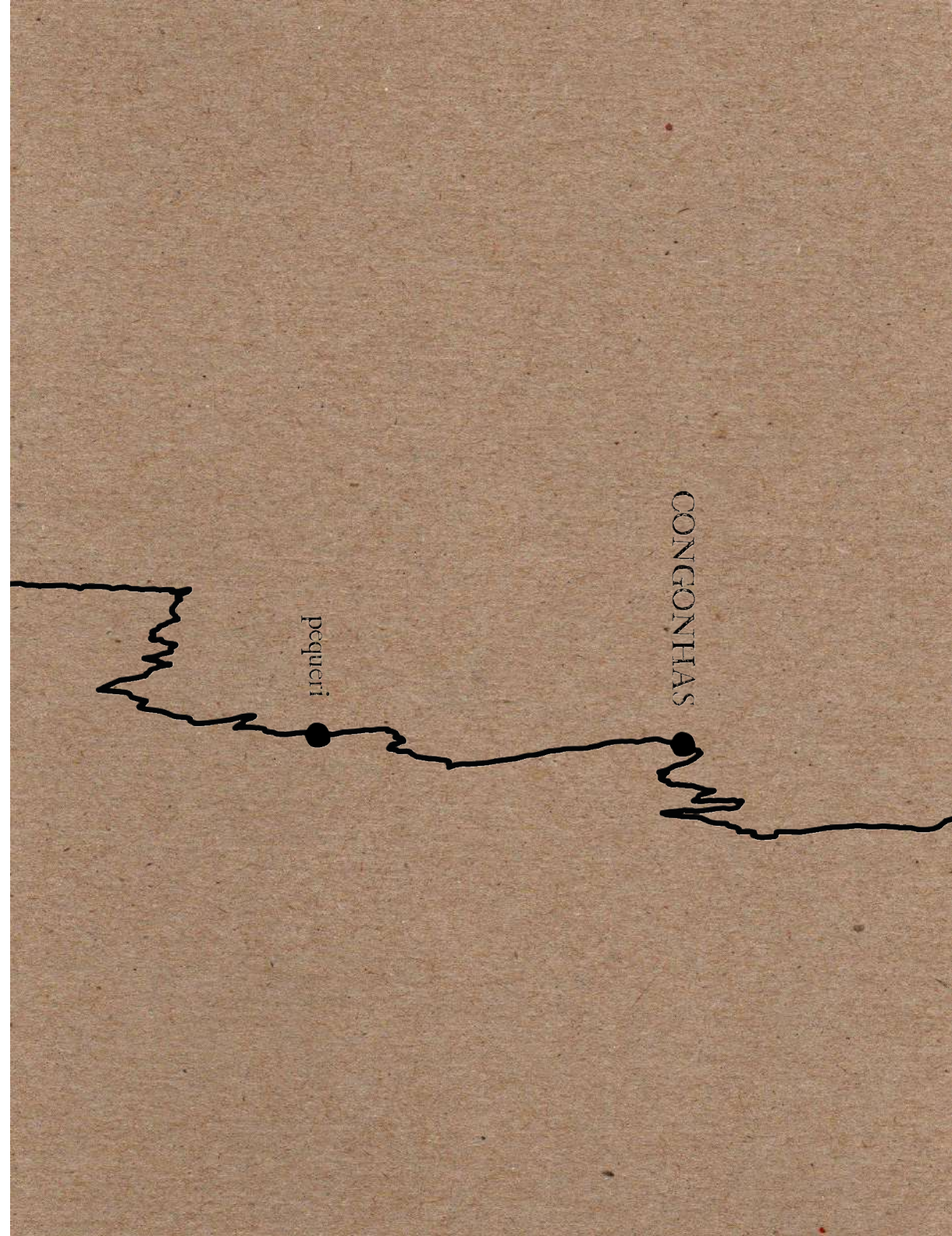


Hoje eu sobrevivo só com o artesanato. Antigamente tinha mesmo muita fábrica de metalurgia e essas mineradoras grandes. Mas caiu muito, em todos os sentidos. Muitas fecharam, as que eram boas começaram a pagar menos... Hoje em dia a condição de vida em Ouro Preto é bem precária nesse sentido de emprego. O custo de vida também é alto, porque o turista vem, e tudo é caro pro turista, mas fica caro pra gente também. Vai todo mundo embora e não abaixa, o preço é o mesmo. Muita gente hoje prefere ir mais pro interior, pra distrito do município, principalmente o pessoal que morava no centro, até porque a maioria das festas são todas na rua então também não dá sossego pra eles. Aqui costuma ter bastante festa, o carnaval hoje tá um pouco mais fraco, mas antes o carnaval de Ouro Preto era falado no Brasil inteiro. Era uma bagunça, mas era bom demais. E quem fazia eram os estudantes.

Beto, 69 anos







*“O ouro afunda no mar
madeira fica por cima
ostra nasce do lodo
gerando pérolas finas”*

“O ouro e a madeira”
Ederaldo Gentil

